PARA TODOS

O
VERÃO
EM
COPACABANA

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

O Rebellado

APOS alguns dias desse viver solitario que, fugindo aos homens, fui buscar na altura quieta do planalto da "Chartreuse", tornando ao meu albergue, que trazia o suggestivo nome de "Hotel do Deserto", cansado de percorrer accidentados caminhos, ora, no mais vivo das penedias escarpadas, ora, sob as espessas ramas dos pinheiraes soturnos, sentei-me na platibanda de uma pequena ponte.

Em baixo referviam, cantando, as aguas de duas torrentes que ali se juntavam; aguas raras, nesse tempo de grandes estiadas, mas que muito deviam avultar em tempos outros, a se avaliar pela extensão das margens cobertas de arredondadas lages.

Acompanhava, distrahido, o crespo deslisar sussurrante da corrente, esgueirendo-se entre pedrouços irregulares.

A musica, sob qualquer fórma, sempre exerceu em mim dominadora influencia. Ouvindo-a, quando recolhido, meus pensamentos vão com ella, como levados á flux da correnteza, e nesse vaguear, meio sonho, quanta perspectiva não se me tem aberto á fantasia solta, e desapparecido, num breve momento, como essas construcções coloridas e cambiantes que um raio de sol desenha, subito, na poeira humida das quédas de agua ?...

Essa ribeira, cuja musica, ora me embalavá, no seu pequeno curso, debil e murmurante, coleava subtil, aqui, entre as vegetações das margens, segredando-lhes a historia de sua jornada sob tantos céos diversos, ali, dilacerando-se, em soluços, nas arestas dos penhascos, mais além, espreguiçando-se em murmurios nas bordas arenosas, e nessa continuidade harmoniosa e dispar, apparecia-me essa ribeira como a pittoresca materialisação de uma sonata.

Eu estava num desses raros momentos de abstração, em que o esquecimento das preoccupações da vida permitte o colloquio mudo, a conjunção ideal do homem comsigo mesmo, e lhe sensibilisa o espirito para apprehensão das manifestações mais subtis.

E a mim, neste raro momento de vida interior, a múrmura ondulação cantante das aguas levava, no seu curso, para o indefinido porto o meu pensar indefinido...

Nessa tarde estival, sobre a velha montanha do "Dauphiné", tudo concorria para mais longe me levar do mundo. Eu me abstrahia da vida; me confundira na natureza. E uma voz humana me chamava á terra, a voz de um velho guia montanhez, que, tantas vezes já, encontrára em excursões solitarias.

Excusou-se o homem do sobresalto que me causára a subita interpellação amical. Mas, não se continha no desejo de me contar uma historia e me fazer uma revelação.

E era tão sincera a expressão do seu rosto, queimado pela aspereza dos invernos batidos de vento, e tão humano o gesto com que se excusava de talvez me haver incommodado, que do melhor humor eu lhe acolhi o proposito.

Confiou-me então o guia, que ao meu lado se assentára, que eu lhe fazia lembrar uma original creatura, um estrangeiro, que, annos passados, viera viver naquellas montanhas afastadas. E eu lhe lembrára esse homem porque, tambem, como o outro, andava sempre só e me esquivava do convivio humano. A razão não era muito concludente, mas o caso me interessou desde logo e eu me dispuz a deixar falar o loquaz interlocutor. E, do que elle me contou, numa abundancia enorme de pormenores e informações, aqui registro um apagado resumo:

O tempo, não importa; o guia, em cuja cabeça mascula os annelados cabellos alvejavam de todo, ao contacto das nevadas de tantos invernos, era um homem feito e já conduzia viajante atravez das montanhas, quando o estrangeiro, um dia, sem se saber de onde vinha, appareceu no pequenino arraial.

Aboletou-se numa pequena hospedaria, não havendo ainda, nesses tempos atraz, hoteis nem casas de conforto em taes longitudes.

O homem, sendo, aliás de agradavel aspecto, não falava senão para o que era de todo necessario, e de ninguem procurava approximar-se. E, o que, a todos, maior estranheza causava, era que elle não manifestava a intenção de partir; antes, tão calmo e conformado áquella vida vivia, que, parecia, outra não querer para si.

Era o bom tempo da serra O sol brilhava no escalavrado das escarpas e toda a gamma do verde cobria vergeis e morros. O estrangeiro não deixava os caminhos e trilhos de cabra. Não houve recanto a que não descesse, altura de onde não fosse contemplar as perspectivas abertas do horizonte. Mesmo ás noites, deixava, ás vezes, o pouso e se confundia na sombra, onde a taes horas viva alma não se aventurava a penetrar.

Vieram, entretanto, os primeiros ventos frios, depois as primeiras neves ralas. O pequeno gado da serra foi descido ás rechans, onde uma relativa melhora de temperatura lhe facilitava o trato, impossivel na aspereza das montanhas.

Breve, os gelos e as chuvas encharcariam caminhos, condemnariam portas e janellas. Pensou-se que o estrangeiro partisse tambem, como tanta gente da serra que partia. Mas, o estrangeiro ficou.

O assombro das aldeães não teve limites. Havia ali um mysterio; ninguem o duvidava, mas por o desvendar ardia inutilmente a ingenua curiosidade da rude gente.

Que ali morasse e vivesse os que ali haviam nascido ou para ali haaiam sido trazidos pela avalanche da vida, era cousa que ninguem estranhava.

Por muito grande que seja a terra e por mais bellos e melhores que sejam alguns de seus logares, ha sempre o homem para quem, agrestes e inhospitos recantos sejam o paraiso mesmo, ou porque não conhecesse outro ou porque outro não podesse ter.

Mas, procurar por seus pés, essa triste morada, eleger por seu gosto esse sombrio retiro para o já sombrio desfilar dos dias, não era cousa de sã razão, a menos que se não fosse filho de S. Bruno.

E como o estrangeiro quasi não falava e, a sós, no pequeno quarto, tomava as refeições frugaes que pedia, chegou-se mesmo a acreditar que elle outra cousa não fosse que um frade fugido ou expulso do convento, tão rigoroso

se mostrava na observancia da austera regra dos Cartuxos... Mas, o homem não ia á igreja e do Cura não queria tambem saber, como dos demais mortaes. E essa hypothese foi afastada, em taes condições.

De uma vez viu-se gente da policia approximar-se de seu albergue e procurar por elle.

Um arrepio de curioso sobresalto correu a espinha do pequeno arraial. Mas a gente partiu e tudo tornou ao que era dantes.

Depois soube-se que o haviam tomado por um criminoso audaz de que se andava em busca. Uma rapida conversa com a autoridade, porém, estabelecera o seu estado civil e desfizera a enganosa hypothese.

E, certo, criminoso não podia ser quem tão despreoccupado e calmamente vivia; nem poderia tanto amar a solidão, que desperta a consciencia, quem receio tivesse de se encontrar a sós com ella.

Entretanto, o mfsterio perdurava; pois, jámais alguem o visitava, como jámais o estafeta lhe batera á porta para deixar missiva ou recado.

Não era, entretanto, um máo animal essa creatura que tão selvagem e intratavel se apresentava ás demais creaturas.

Com o decorrer do tempo, e, annos se passaram, os nativos do logar se foram afazendo á sua presença e aos seus habitos, e mesmo o foram vendo se humanisar um pouco.

Nunca se lhe soube, é certo, cousa alguma da vida, nem quem era, nem de onde viera; mas, aquelles que, por qualquer circumstancia, delle se approximavam ou delle necessitavam, jámais se approximaram ou procuraram em vão.

Era compassivo, tolerante e generoso. Jámais dera, em tantos annos, motivo de queixa ou resentimento.

A só occupação em que se o via entregue era o trato de um pequeno jardim, que plantára nos fundos da pobre, rustica morada, e a leitura de uns poucos livros que, naturalmente, comsigo trouxera, pois que ali não os havia recebido.

Fóra disso, era o seu tempo consumido no longo vaguear pelos caminhos e nas quédas contemplações do horizonte.

O velho guia, que taes cousas me contou, fôra o seu unico amigo na montanha.

Talvez, essa expressão "amigo" não caracterise bem o que o guia lhe fôra. Amigo era elle de todos, pois, de ninguem era desaffecto ou inimigo; mas, foi o guia a só pessoa admittida, um pouco, na intimidade simples de sua vida. Como, por seu habitual viver, de vagueador impenitente, muitas vezes o encontrára na montanha, o guia foi talvez o seu primeiro conhecido, e delle se serviu para obter algumas cousas de que necessitava.

Depois o guia tornou-se-lhe numa especie de empregado; e, se bem o serviço que incumbia fosse pouco e promptamente feito, elle se deixava ficar em casa, sem que mesmo o patrão delle se désse por apercebido, sentado a um canto, ou em logar em que o pudesse ver.

Afigurava-se-lhe que o estrangeiro, por misantropo que fosse, não desgostava dessa dedicação, muda, quasi animal.

Ao cabo de algum tempo, ás vezes, sahiam juntos para as serras, e, se bem que o guia não tivesse conversa que pudesse interessar o espirito da original creatura, os dois, ás vezes, conversavam.

E de tal modo decorreram annos, sem que essa vida simples e solitaria do estrangeiro apresentasse modificação alguma.

O homem gosava de uma saúde excellente, a que ainda avigorava a vida primitiva que levava. Mas, avançava a idade e começava a decahir.

Certa noite, o estrangeiro chamou pelo guia e, apontando para um movel, disse — "Naquella gaveta ha ainda algum dinheiro, quando eu morrer toma-o e entrega-o ao Cura para distribuir pelos necessitados do arraial. Quanto a papeis que encontrar, mette-lhes fogo. O mais é teu".

Depois, o guia, a quem aquellas palavras haviam sobresaltado, na precisão de uma desgraça, o viu approximar-se da mesa, em que ardia uma candeia, e queimar tranquillamente papeis, muitos papeis, que ali jaziam espalhados.

Entretanto, a vida continuava ainda como dantes. Alguns dias passados, porém, não o vendo, pela manhã, apparecer, como de costume, foi ao seu quarto o guia, e o encontrou deitado, todo vestido, como se assim houvesse adormecido. Chamou por elle; viu que estava morto.

O desapparecimento daquella figura habitual no scenario da serra, causou a natural sensação. Toda gente quiz ver o morto e, por esse corpo, tão mudo e enigmatico sem vida, como o fôra vivo, desfilou, contricta e curiosa, toda a ingenua população dos arredores.

O guia fez como o patrão lhe havia recommendado. Entregou ao padre da freguezia o dinheiro que encontrou, e recolheu a pequena herança, onde o que mais avultava eram livros, uma dezena de volumes, lidos e annotados. Como esses livros pouco interessassem ao herdeiro, que os não podia entender, levou-os elles tambem ao padre e este, examinando-os, guardou alguns e mandou queimar os outros. Lembra-se o guia de que o sacerdote, ao terminar o exame desses volumes, observára que era estranho que pudesse a mesma creatura ter tido como companheiros de solidão aquelle conjuncto de livros, alguns de puro sentimento christão, outros de espirito verdadeiramente diabolico e rebelde.

■

O auto da fé recommendado pelo velho, entretanto, o guia não tivera coragem de fazer, immediatamente.

Um certo respeito pelo estrangeiro, a quem, afinal, o simples montanhez se ligára por uma grande affeição supersticiosa, não permittiu a profanação de lançar ao fogo tanta cousa que encontrou escripta, muita a lapis, alguma de modo quasi inintelligivel. Recolheu tudo numa caixa de folha, atou com um cordel e guardou em baixo da cama.

A alma do amigo que lhe perdoasse o desrespeito á prescripção terminante. Certo dia, porém, após varias noites em que sonhára com o homem, appareceu-lhe o remorso por não haver satisfeito, nessa parte, o seu desejo. Tomou da pequenina caixa, foi para baixo dos pinheiraes de uma grota mais proxima e ali, tendo feito de tudo uma foguei-

(Segue na pag. 51)

EDUARDO MARTINELLI (Bahia) —Seja meu primeiro recado para o amigo Martinelli com agradecimentos pela offerta do seu interessante livro de contos. Mais de espaço falarei sobre elle. Abraços ao amigo Ruy

NINA (Rio) — Creio que já lhe respondi qualquer cousa a pedido do velho graphologo. Si não foi á senhora foi a outra de igual pseudonymo. Aguarde o estudo que pede.

LOS OJOS SOMBRIOS — Estou incumbido de lhe dizer que sua carta foi recebida e que seu pedido será satisfeito.. quando lhe chegar a vez. E' questão de um pouquinho de paciencia.

MAGDA (São Paulo) — Tenha a bondade de ler o que digo acima a "Los ajos sombrios".

CARMENCITA — Como passei ahi na nossa linda terra cerca de quatro mezes, é possivel que na minha ausencia o correio tivesse extraviado os trabalhos a que se refere. Recebi agora "Tio d'agua" e "A outra esmola", ambos muito bons. O primeiro será publicado no "Para todos" o segundo, pela sua feição está a calhar para uma pagina d' O Tico-Tico. Ficará zangada por isso? Escreva-me

HASSAN — SABAH (Capital — O Dr. Alvaro não se recorda do motivo porque somente um seu trabalho foi publicado. Já faz tanto tempo'.. O que mandou agora será publicado. Assigne-os com seu proprio nome. Esse pseudonymo parece nome de arabe da rua da Alfandega...

MARIKA (Curityba) — O velho grapholo manda dizer que não poderá dar uma resposta tão longa como deseja principalmente pela falta de espaço. Dirá porém o mais que lhe for possivel a respeito.

Não poderá, entretanto, ser tão rapida como era de esperar... Ha tantas consulentes a attender ..

K. IMAYA (São Paulo) — Escreva de um lado só do papel e mande dactylographar o que escrever, pois sua graphia é má.

Seu trabalho não está máo; mande, porém, uma outra copia mais legivel.

NICOLAU N. NAHAS (Florianopolis) Recebidas suas poesias e seu livro de versos: "Canções insultas", a respeito do qual nos pronunciaremos depois.

As poesias serão publicadas. Gratissimos pela gentil dedicatoria do seu livro.

ROSEMARY (Rio) — Si não foi a outra de igual pseudonymo, creio que já lhe escrevi a respeito do assumpto da sua carta. Aguarde o resultado do que pede.

NOBREGA DE SIQUEIRA (Bocaina) — Seu "desenho" em versos foi bem aceito. Quanto ao monogramma o o T. Carlos manda dizer que, por ora, suspendeu a secção "Pontes da echarge". Puando reinicial-a seu N. de S. será desenhado

NALI (Rio) — O estudo meticuloso que pede será feito assim que chegar sua vez. Não poderá, porém, ser muito extenso; dir-se-á o principal em poucas palavras.

PIRAJA' HENRIQUES (Rio) — Seu trabalho "Sensualidade" que mais parece um interrogatorio, (15 perguntas) está um tanto forte para a nossa revista.

Foi para a cesta com todas as honras.

CAROLA (Rio) — Seu pedido será attendido a seu tempo.

R. L. C. OZON (São Paulo) — Leia o que digo a Carola.

ALVARO MATTOS (Pinheiro) — Os "pequenos poemas" que enviou estão sem o minimo interesse. Já os lemos um pouco desconfiados porque sua carta começava assim: "Junto a

esta segue dois pequenos poemas os quaes, peço-vos a fineza de ceder um canto, caso mereçam, no vosso conceituado magazine"

Si isto não é cassange legitimo não sabemos bem que lingua seja. Parece portuguez, mas não é.

M. F ANTUNES (Ingahy) — Seu soneto intitulado: "Um romance" devia se chamar antes: "Uma tragedia".

Para fechar hoje a "Gazeta", creio que não encontrarei melhor "chave" do que publical-o aqui mesmo.

La vae elle na integra para que o leitor desopile um pouco o figado nessa epoca de calor e contrariedades:

"Em pleno mez de Maio, n'uma noite [fria
Seu dourado sonho, um jovem reali- [zava
A um outro coração seu coração unia
Pois tinha em seus braços a mulher [que amava

A vida para elle, era um sonho dou- [rado
Tudo era esplendor mesmo um pa- [raiso...
...Veio o unico filho, que n'um berço [rendado
Encantava o lar com o seu infantil [sorriso

Como tudo tem fim. Dissipou-se a [alegria
Tendo em suas mãos provas que [accusava
A esposa de infiel, que a elle trahia

Sciente da verdade. O destino assim [o quer...
...Ouviu-se um estampido que o silen- [cio cortava
E cae inerte e frio, um corpo de mu- [lher"

Faltou accrescentar que a policia tomou conhecimento do facto, prendeu o criminoso e abriu o respectivo inquerito. E' pena que não tivesse prendido tambem o autor do soneto...

MAURICIO MAIA.

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor-Chefe: Carlos Manhães — Director-Gerente: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 25$000; 6 mezes, 13$000 — Estrangeiro: 1 anno, 60$000; 6 mezes, 35$000

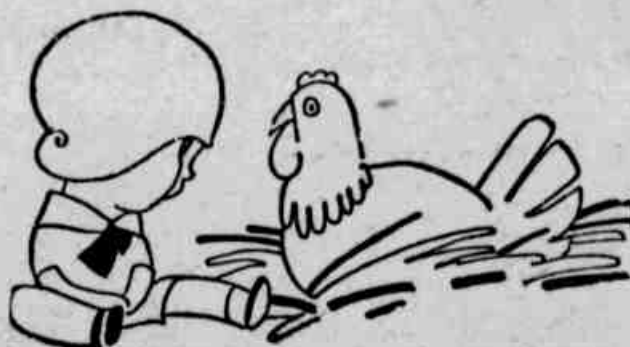
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser fei a por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5402. Escriptorio: Norte: 5818. Annuncios: Norte, 6181. Officinas: Villa, 6247. Succursal em S. Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27, 8° andar. Salas 86 e 87.

UM LIVRO UTIL PARA VOCÊS

Meus netinhos:

Vôvô hontem teve a felicidade de folhear um livro que é um verdadeiro thesouro para todos vocês. E que lindo livro, meus netinhos, que encanto no colorido de todas as suas paginas, ná louvavel preoccupação de seus organisadores, que juntaram, num só volume, toda uma riqueza para as creanças. Vôvô leu as mais lindas historias, os mais bellos contos, os artigos mais interessantes, os versos mais queridos de vocês, no livrinho encantado que recebeu. E, além de todo esse vasto repertorio de cousas que muito contribuirão para o recreio e a cultura das creanças, o livro que Vôvô leu está cheio dos mais interessantes brinquedos de armar, sobresahindo uma estrada de ferro, com trens, estações, tunneis, tudo, emfim, que possa empolgar os meninos.

Esse livro, meus netinhos, é muito conhecido da infancia e todos os annos, na quadra feliz do Natal, costuma apparecer como se fosse um presente do céo para as creanças. E' o Almanach d'O TICO-TICO para 1929, precioso manual para as creanças, que podem e devem adquiril-o em meados de Dezembro, quando será posto á venda.

Essa util publicação annual já foi, por todos que se interessam pela infancia, considerada utilissima, dado o caracter instructivo e moral de todos os seus desenhos e textos. Ainda agora, no maravilhoso exemplar organisado para o anno proximo, não se sabe o que mais admirar em tão precioso album, se a valiosa collectanea de bons e instructivos contos e artigos de sciencia, artes, literatura, ou se a fascinante parte dos brinquedos de armar, movimentados e interessantes, que irão constituir successo sem igual entre os petizes.

Vôvô, que se interessa pela boa leitura das creanças, recommenda a vocês não se esquecerem de adquirir o Almanach d'O TICO-TICO para 1929,

E' uma publicação tão util como necessaria a vocês.

Vôvô.

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

DOÇURA — Sua letra grande é signal de grandes aspirações, imaginação viva, generosidade mesclada de orgulho. Isto é ainda confirmado pelas linhas ascendentes denotando ambição, esperança, coragem, alegria de viver. Certa tremura em alguns traços é um symptoma de perturbações nervosas, pois não póde ser levada á conta de idade avançada. Tome calmantes e procure repouso, evitando qualquer trabalho physico ou intellectual.

ROBERVAL (Victoria) — A graphia sobria de sua carta denota moderação, calma, equilibrio, reflexão, prudencia e reserva. Ha traços ainda revelando firmeza, energia, força de vontade, cultura, polidez, sendo que o traço firme com que sublinha sua signatura é prova de forte individualidade, uma affirmação de integridade de caracter.

SEBASTIÃO (Rio) — Muito desigual, sua letra revela mobilidade, agitação, emotividade, sensibilidade. As linhas em serpentina indicam pouco amor á verdade, impressionabilidade, finura de espirito. Um tanto fantasista, tendo amor ao confortavel e gôsto pelas viagens.

REVELADOR (Maceió) — Uma letra calligraphica não é bom signal, pois a menos que o consulente não seja professor de calligraphia, denota issô espirito acanhado, amor á rotina, talvez pretensão. Amenisando essas caracteristicas vê-se alguma bondade, sentimentalidade, fraqueza de animo, susceptibilidade. Finalmente o traço firme e quasi vertical com que remata sua assignatura vem indicar um pouco de personalidade e espirito critico. Muito grato lhe fico pela amisade que me offerece de que me aproveito para lhe pedir que abrace ahi por mim o J. de Altavilla.

LIA TORA' (S. Paulo) — Sua graphia anguiosa é signal de firmesa, energia, teimosia, juntando a essas qualidades a desconfiança, a dissimulação dos seus traços inclinados para a esquerda. Ha mais ainda: affectação, desequilibrio, perturbações mentaes e pouco cultivo. Frivolidade...

XIMENES — Vejo na sua letra rapida actividade, cultura, precipitação. Os traços verticaes indicam energia e frieza em certos momentos. Ha signaes de fadiga, minucia, mesquinharia, talvez myopia. Senso artistico. Força de vontade accentuada em dois traços caracteristicos de sua assignatura: a inicial do segundo nome e a letra final do ultimo. Parabens.

F. M. DE ABREU (Porto Alegre) — Ao lado da desconfiança da contensão de espirito, da dissimulação da sua graphia inclinada para a esquerda outros signaes revelam bondade, indulgencia, sem excluir a firmesa que se vê clara no corte dos tt, chegando mesmo á teimosia. Certa cultura intellectual, severidade de principios, inflexibilidade, até, com relação a assumptos de honra. Lealdade, dedicação, probidade.

CLIO (Rio) — Ha muita sensibilidade, agitação, emotividade na sua letra desigual. Vê-se tambem cultura, precipitação, actividade, enthusiasmo. E' ainda generosa, chegando mesmo á prodigalidade, tendo amor ao confortavel, ao luxo. Cheia de alegria de viver, entretanto preoccupada com qualquer assumpto grave, pelo menos no momento de escrever as linhas que mandou. Veja si se recorda...

GUASCA (Bagé) — O traço principal do seu caracter é a dissimulação revelada na graphia *renversée* da sua carta. Vê-se ainda uma grande dóse de orgulho, incredulidade, presumpção e vaidade ao lado de sensualidade bem pronunciada. O traço dextrogyro com que sublinha seu nome de familia é uma affirmação de individualidade, embora aquelles tres pontinhos em triangulo sejam um signal de amor ao mysterio, ás situações complicadas e embaraçosas...

ZUZA (S. Paulo) — Apésar de muito laconico na sua carta (tres linhas e meia) pude ver bondade, indulgencia, doçura, assim como fimeza, certa reserva e alguma energia. A sinuosidade das tres linhas e meia que escreveu revelam pouco amor á verdade...

GRAPHOLOGO

LADRÃO...

(Para o grande poeta Alvaro Moreyra)

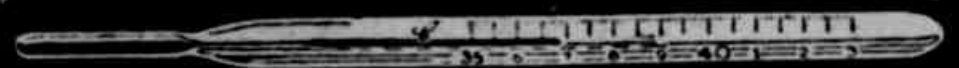
Ladrão! Ladrão!
Murmúra a turba-multa enfurecida
Vendo um pobre mendigo
Roubando um pão já duro
Para matar a fome de seus filhos
E a sua propria fome!
Ladrão! Ladrão! E a policia vem
De sabre em punho
Para prender o pobre desgraçado!
E os ladrões de casaca,
A gentis-homens da aristocracia,
Os filhos da Nobreza
Que roubam aos milhões
Andam á solta e toda gente ainda
Quando elles passam sérios, de casaca,
Tira o chapéo, humilde e reverente...
E a policia fica firme e têsa
E lhes faz continencia...
E elles passam sérios, de casaca
E a cadeia tão perto...
— A cadeia dos pobres que roubaram
Para matar a fome de seus filhos!

NICOLAU NAHAS

(Florianopolis, 1928)

MUSICAS DE ARY KERNER

O joven poeta e musicista Ary Kerner, já tão vulgarizado nos nossos salões, enviou-nos as suas quatro ultimas composições de musica e versos, editados pela Casa Carlos Gomes.

Essas composições todas bem inspiradas e com o cunho pessoal que faz estinguir-se de prompto os trabalhos de Ary Kerner, são: a conção "Bemzinho do coração", já gravada em disco Parlophan e obtendo um successo lisonjeiro; a valsa "Queres um amor que não mereces...", o sambinha sertanejo "Tu tem muito que apanhá..." e o fox-trot "Moleque da rua".

ELLA SORRINDO

Para alguem.

Quando sorri, levanta o nevrosismo
Daquelle que estiver defronte della...
Senti neste Vesuvio o meu abysmo,
Meu Diluvio de luz, cadente estrella.

Um flosculo de amor temos ao vel-a,
E a febre ultra-potente do egoismo
Todo um poema o coração revella,
A misselanea eterna do lyrismo...

Descerra o azul do céo, eil-o surgindo, —
Pulverizando a abobada infinita
O sol — a flôr do fogo lá se abrindo...

Rezam phalenas oração bemdita,
Quem póde resistir ao ver sorrindo,
O santo olhar d'uma mulher bonita?!

SALVADOR PORTO.

DE MUSICA

O professor Fontainha, que é um dos melhores elementos da geração nova de professores de piano do Instituto de Musica, apresentou ha dias ao julgamento publico, a sua joven e talentosa alumna Edith Bulhões Marcial — pequenina pianista que não sabemos a quanto tempo já completou dez annos, nem mesmo se já os completou...

Não era, aliás, a primeira vez que se exhibia em publico, pois, se não nos falha a memoria, o anno passado realisou ella o seu primeiro recital.

Estamos deante de uma creança de real talento pianistico, embora de sensibilidade artistica ainda muito em botão. Disso tivemos sobejas provas nas differentes peças do programma, por ella executado — programma que, aliás, nos pareceu um pouco forte para as possibilidades da pequenina interprete. De facto, nelle se continham peças de real difficuldade technica e de comprehensão ainda mais difficil e cuja interpretação, por isso mesmo, não correspondeu á espectativa. As duas primeiras partes executadas bastaram para dar-nos essa convicção e por isso mesmo desinteressámo-nos da terceira.

Chopin não é um autor que baste ser tocado. Elle precisa ser, antes de tudo, sentido, para poder ser comprehendido e, portanto interpretado. O temperamento muito infantil ainda de Edith Bulhões Marcial não lhe permittiu dar aos numeros de Chopin do seu programma o interesse que desejariamos. Da mesma fórma, a Sonata em lá maior de Mozart decorreu inexpressiva e teve accrescimos inexplicaveis, não tendo apresentado para a pequenina interprete nenhuma difficuldade technica que não fosse vencida. Em compensação, tanto no "Mouvement perpetuel", de Weber, como no "Im promptu", de Schubert, a talentosa pianista esteve encantadora, surprehendendo-nos pela magnifica facilidade de dedos, com que as venceu galhardamente.

Edith Bulhões Marcial, em Saunena, é mais uma bella esperança que surge. Do seu talento, muito pódem obter o estudo perseverado e methodico e a habilidade do seu distincto professor

■

Regressou da Europa a violinista Rozita Kanitz, 1° Premio do Instituto, que daqui partira ha cerca de um anno, afim de aperfeiçoar seus estudos. Fixando-se em Vienna, Rozita Kanitz ouviu os conselhos de alguns mestres do seu instrumento, realisando depois um recital na capital austriaca.

Conforme telegrammas então recebidos, sabe-se que o recital proporcionou a Rozita Kanitz applausos calorosos, tendo ella sido acolhida com muita sympathia pelo publico e pela imprensa. Regressando agora ao Rio, Rozita Kanitz nos prometteu algumas criticas então publicadas sobre o seu concerto, criticas essas que esperamos aqui mesmo transcrever dentro de muito pouco tempo.

■

Recordamos sempre com prazer e com saudades, o nome de Yvonne Gall, a fina e querida creadora dos papeis que mais teem impressionado aos frequentadores das temporadas lyricas do Municipal.

A ultima noticia que della temos, refere-nos o estupendo successo que está fazendo em Ravinia Park, em Chicago. Yvonne Gall é a representante gloriosa da musica franceza, attracção de todos os olhos e de todas as sympathias do publico.

Nos dois ultimos mezes cantou ella "Thais", "Manon", "Louise", "Faust", creando tres operas novas: "Le Chemineau", "L'Heure hespagnole" e "Marouf".

As referencias que lhe fez a imprensa americana sobre a creação destas duas operas, como apotheose, só póde ser comparada á consagração que lhe fez o publico, que levou o seu enthusiasmo a um delirio sem precedentes na historia do theatro de Chicago

Yvonne Gall viveu, na grande cidade, alguns dias deverdadeira glorificação. A estas horas já estará de regresso para Paris, afim de tomar parte na proxima temporada lyrica da Opera Comica, e devido ao excepcional successo por ella feito na America já acceitou novos contractos para o anno vindouro

De Schopenhauer:

Ironia é gracejo atraz da seriedade. Humor é seriedade atraz do gracejo.

■

De Carlyle:

O Humorismo é uma grande e vasta hilaridade que repousa sobre um pensamento sério e triste como o arco-iris sobre uma tempestade.

Senhoritas da sociedade de São Carlos, São Paulo, numa festa de caridade: Elza de Azevedo Corrêa, Flora Gomes Baptista, Elvira da Silva Diogo, Jandyra Ortiz de Araujo.

Mario Newton, filho do casal Octaviano du Pin Almeida Galvão.

Dr. Carlos Spindola, jornalista bahiano, director da Agencia Americana e da Succursal da Sociedade Anonyma O Malho no Estado da Bahia

COMO CONSERVAR O CABELLO EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabello seja ruivo, negro, castanho ou de côr vermelha. Se quereis conserval-o abundante, brilhante e em boas condições geraes, deveis cuidal-o continuadamente. Muitas **senhoritas descuidam por completo o seu cabello, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabello: Antes de tudo, não deixo de escoval-o nem uma noite, por mais cansada que me sinta. Depois, cada duas semanas, lavo-o bem, usando para esse fim uma colherada de stallax granulado dissolvido em agua quente, enxugando-o bem, depois, e seccando-o com toalhas quentes. O resultado é simplesmente maravilhoso.**

M I N H A   T E R R A

Capim verde e amarello.
(Côres da bandeira nacional).
Mar decrepito resmungando
entre os rochedos.
As avenidas correm
com os pés pesados de asphalto
em todas as direcções.
Montanhas. Pão de Assucar. Urca.
(Quem foi que pôz um chapéo de sol
em cima daquelle morro?)
Guanabara. Muitas cousas.

Aquelle mar, aquellas ruas,
aquelles morros, aquellas luzes,
aquella gente e aquella vida,
que é tudo isso?

RIO DE JANEIRO.

Eu inda hei de ver minha terra ser
um pedaço de céo!

Guilherme de Castro e Silva

(Rio, 1928)

A CASA HERMANNY

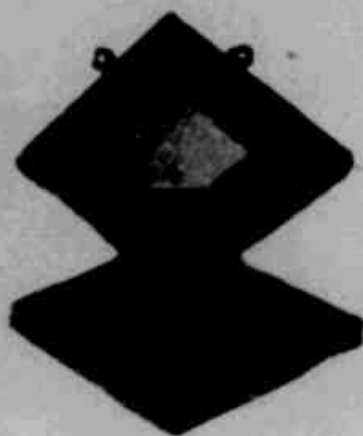
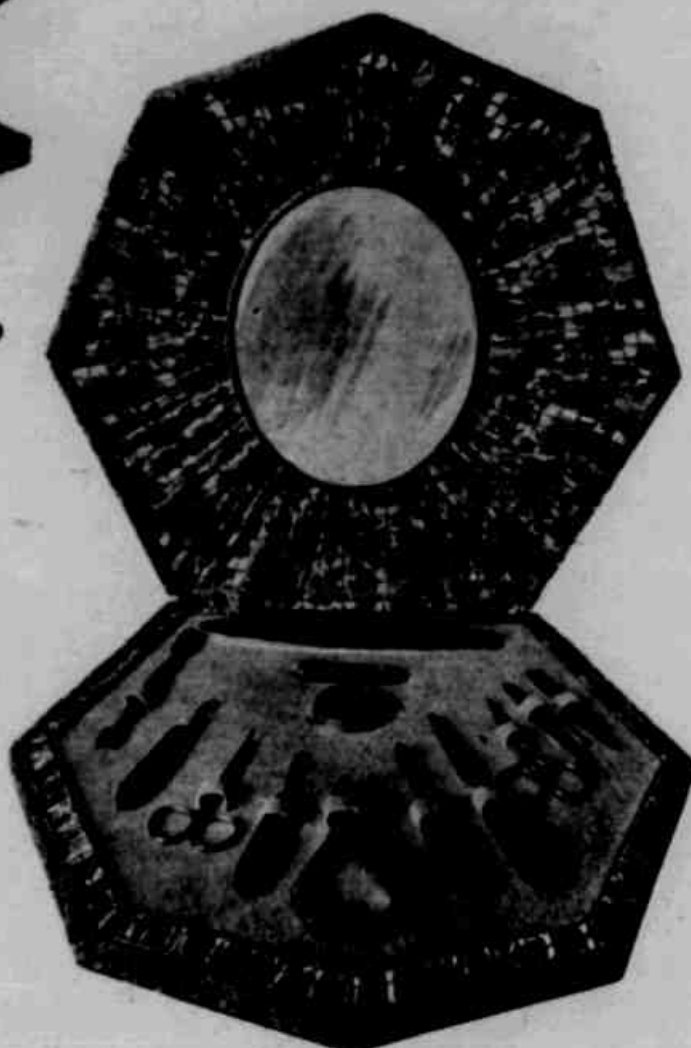
offerece, a titulo de propaganda, os lindos modelos abaixo, de estojos de unhas e de costura, por preços populares.

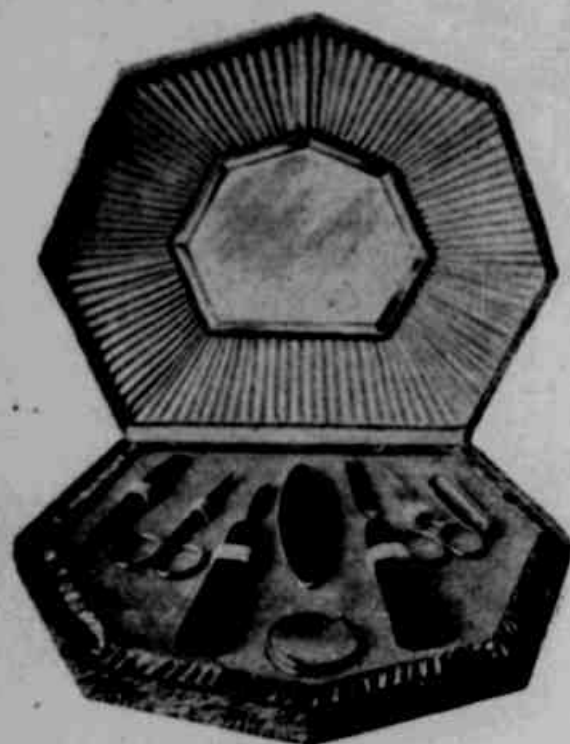
25$000
Porte mais 1$800

19$000
Porte mais 1$800

38$000
Porte mais 2$800

60$000
Porte mais 2$800

21$500
Porte mais 1$800

18$500
Porte mais 1$800

85$000
Porte mais 3$800

58$000
Porte mais 2$800

65$000
Porte mais 2$800

19$500
Porte mais 1$800

25$000
Porte mais 2$800

50$000
Porte mais 2$800

Tem, além desses, a maior variedade em estojos para esses fins, bem como para viagem, navalhas, joias, etc., forrados de couro legitimo, sendo os pertences com cabo de marfim ou tartaruga e a cutelaria toda de qualidade garantida.

VISITEM AS SUAS EXPOSIÇÕES
RIO — RUA GONÇALVES DIAS, 54
FILIAL EM PETROPOLIS:
AVENIDA 15 DE NOVEMBRO, 764

PARA TODOS...

15 — Dezembro — 1928

Dialogo muito grave

Peregrino Junior

Entre dois cavalheiros mais ou menos solteiros. 1 Cavalheiro, — sceptico e moderno. 2º Cavalheiro, — ponderado, bem informado, professor theorico de virtude.

A scena passa-se em qualquer logar, a qualquer hora, e não tem a minima importancia.

1º CAVALHEIRO — Casar, para as mulheres, é um verbo necessario.

2º CAVALHEIRO — Concordo.

1º CAVALHEIRO — Por isto, certas moças quando chegam a certa idade não pensam noutra coisa.

2º CAVALHEIRO — Ha excepções.

1º CAVALHEIRO — A preoccupação é geral. E' a grande preoccupação absorvente e constante.

2º CAVALHEIRO — O amor é um sentimento nobre.

1º CAVALHEIRO — Não é amor o que ellas querem...

2º CAVALHEIRO — E' a felicidade do lar.

1º CAVALHEIRO — Nem propriamente felicidade. E' apenas casamento. Isto é, um marido — objecto mais ou menos inutil, mais ou menos decorativo, e absolutamente indispensavel.

2º CAVALHEIRO — O que é indispensavel, na vida, é o amor.

1º CAVALHEIRO — Para conseguir um marido, ellas fazem tudo, são capazes de tudo — até mesmo de amar !

2º CAVALHEIRO — Você é injusto. Não se póde argumentar com as excepções da regra...

1º CAVALHEIRO — Qual ?

2º CAVALHEIRO — O Rio é a cidade do mundo onde mais se ama.

1º CAVALHEIRO — Entretanto, a crise de maridos é cada vez maior.

2º CAVALHEIRO — Está enganado. Muito enganado !

1º CAVALHEIRO — Para "flirtar", para ir ao cinema, para dansar o "charleston" todos os rapazes estão sempre dispostos. Mas, na voz de casar, Deus nos livre !...

2º CAVALHEIRO — E' indigno de um homem de bem enganar as filhas alheias.

1º CAVALHEIRO — Pois é o que lhe digo. Quando se lhes fala em coisas matrimoniaes, elles tomam um ar de superioridade, e dizem com a mais irrevogavel das convicções: — "Passo !". E passam mesmo...

2º CAVALHEIRO — Mas não são todos, felizmente.

1º CAVALHEIRO — Os rapazes de hoje pensam que esse negocio de casamento é para os "trouxas"...

2º CAVALHEIRO — Opinião de quem não tem bons sentimentos.

1º CAVALHEIRO — E a falta de maridos, como a falta dagua, continúa a encher as estatisticas e a inquietar os paes de familia.

2º CAVALHEIRO — Posso provar o contrario.

1º CAVALHEIRO — E' inutil. Basta lhe dizer que depois da fallencia do "flirt" e do "charleston" (do cinema nem se fala...), como factores matrimoniaes, as "melindrosas" resolveram appellar para as forças mysteriosas e occultas do Destino...

2º CAVALHEIRO — O Destino das creaturas é a vontade de Deus.

1º CAVALHEIRO — E recorreram, em ultima instancia, á superstição.

2º CAVALHEIRO — A Igreja condemna a superstição.

1º CAVALHEIRO — Desconfiadas de Santo Antonio, bateram á porta da feitiçaria, — das sybillas, das cartomantes, das pythonisas, etc.

2º CAVALHEIRO — Todas essas bruxas são umas grandissimas impostoras.

1º CAVALHEIRO — E como o occultismo não désse resutado, inventaram um novo remedio — a "fita verde"... Uma fitinha verde que amarram acima da liga, entre a meia e a calça...

2º CAVALHEIRO — Mas, meu caro, e se eu lhe provar que a tal crise de casamentos, no Rio, já não existe ?...

1º CAVALHEIRO — Então, foi milagre da "fita verde"...

2º CAVALHEIRO — Posso mostrar-lhe uma estatistica. O numero de casamentos cresceu animadoramente em 1928. Ainda ha tempos o Dr. Humberto Gottuzzo...

1º CAVALHEIRO — Casou-se? ! Duvido muito !...

2º CAVALHEIRO — Não... Escreveu uma chronica, demonstrando este facto.

1º CAVALHEIRO — Ahn ! sim... elle é advogado theorico do casamento... para os outros !

2º CAVALHEIRO — A verdade que desafia contestação é que o coefficiente matrimonial, em 1928, tem crescido...

1º CAVALHEIRO — Não tenha duvida: foi milagre da "fita verde"...

2º CAVALHEIRO — Bem, meu amigo, assim não podemos discutir... Você não leva nada a sério !

1º CAVALHEIRO — Por falar nisto, tem um cigarro ahi ?

UMA MULHER DE KEISLING

Entre a algazarra ensurdecedora que envolvia o largo pateo, cheio de bancos, de arvores e sorrisos, não podiamos destacar figuras, pois todas aquellas que lhe emprestavam o melhor da sua alegria e do seu encanto se moviam, inquietas, ora para um, ora para outro lado. Chegaramos alli precisamente á hora em que acabavam as aulas, as ultimas deste anno, e em todas as physionomias havia o mesmo signal de allivio, de contentamento, que se algumas conseguiam esconder, outras não o conseguiam. O largo pateo da Escola Normal — era ahi que estavamos — vivia sua hora mais intensa e, sem duvida, mais forte, porque em cada grupo daquelles que se iam formando havia um mundo de perguntas e de gargalhadas, de respostas e ironias, de despedidas e beijos. A um canto aqui, por exemplo, uma loirinha esguia cochichava com uma morena rechunchuda, geito de noviça, e ali uma endiabrada "fausse-maigre", aos pulinhos, estalando os dedos, discutia com a dona daquelles lindos olhos verdes.

A impressão, de conjuncto do grande pateo, pequeno para os movimentos de tanta gente, era empolgante, mas mais empolgante ainda eram os seus detalhes, como aquelles que acima já fixamos e os que agora nos assaltavam. Bem em frente de nós, vestindo o banco em que se sentaram com as côres das suas pastas de livros, umas meninas travessas desenhavam para os nossos olhos o lindo e maravilhoso arco-iris que apparece no azul do céo, ás vezes. Uma outra creaturinha com o coração, muito vermelho, nos labios, disclicente, a pasta de couro nas mãos e uma profunda melancolia no rosto muito branco, passava, leve e vaporosa como se fosse uma gaze a mover-se no ar...

O Secretario da Escola Normal com o nosso companheiro.

■

Vendo que nos detinhamos a olhal-a, uma menina ainda mais magra do que ella e mais leve ainda, nos disse, num sorriso:

— Vê, moço, você achou graça naquella magréla esganiçada ?

■

Um fim de anno lectivo é sempre um motivo de jubilos e apprehensões porque, de mãos dadas, vêm os exames e as férias, estas com todas as suas promessas e aquellas com todos os seus fantasmas... Mas — curioso ! — na Escola Normal ninguem demonstrava pavor pelos fantasmas e sim grande alegria pelas promessas... Isso mesmo nos dizia agora uma pequenina muito esperta com dois holophotes no logar dos olhos:

— Aqui ninguem tem medo de exame. Os nossos professores não são simples professores: são grandes amigos nossos...

— Mas ha de haver alguma...

Futuras professoras

Grupo de professores
A' esquerda o Dr. Plinio Olinto.

A parede que fala...

E ella adivinhando o que iamos dizer:

— Não senhor... a Intelligencia e a Applicação, essas senhoras que não envelhecem e que são tão soberbas, espalharam, com abundancia, os seus favores nesta casa...

— Excepcional...

— Agora, se o senhor me perguntar se todas são socegadas...

E jogando um clarão nas reticencias:

— Eu ficarei calada, porque quasi todas são irrequietas...

— V. pertence a este grupo ou ao grupo das socegadas

E ella, rindo:

— Aos dois...

— Como

— Muito simplesmente: nas aulas ninguem procede melhor do que eu, como no recreio nenhuma collega me vence em travessura...

— E nos estudos?

— Não sou a primeira da aula, mas, tambem, não sou a ultima...

Uma sua colleguinha, com os cabellos muito loiros e muito finos intervem:

— E' modestia della, moço. Ella nas sabatinas não tem rival... mas em comportamento é a peor de todas!...

E, numa gargalhada, desappareceu

A menina dos holophotes nas orbitas, baixando a cabeça, resmungou:

— Pois é!... a gente não tem o direito de deitar "falação"!...

Discurso ao mestre
Grupos de alumnas

A porta que ficava bem em nossa frente despejava, agora, num turbilhão, um bando de saias azues e blusas brancas... Em meio das dezenas de creaturinhas inquietas e nervosas surgia, com

Pequenas tesouras...

a sua respeitavel cabelleira de maestro, o professor Braut Horta. Elle acabava de dar a sua ultima aula e ia receber, ali mesmo, no pateo, a primeira manifestação de agradecimento pelas luzes que com tanto carinho, lhes derramara nos cerebros. Uma linda "corbeille" de flores naturaes transportadas por lindas mãos lhe cahiu aos pés, sumindo-os. Uma garota insinuante abriu as "tiras" do discurso. E, interessante, aquellas que lhe tremiam nos dedos não nos causaram o pavor que tantas outras já nos têm causado quando os seus donos pedem um copo dagua, limpam os oculos, olham a assistencia com superioridade e começam... Suas palavras foram simples. Falou em nome da classe. E em menos de cinco minutos terminava a oração, numa salva de palmas, que, confundida com o ruido infernal de todas aquellas vozes dava a impressão de um desabamento... E foi em meio de toda essa algazarra que com uma grande malicia, uma morena jambo desembaraçada deixou cahir dos labios vermelhos o veneno desta ironia, segredando ao Zenobio, o photographo:

— Moço, bata tambem uma chapa deste barulho!...

E uma outra, perfidamente:

(Conclue no fim da revista).

As namoradas do Rio

Olympio Corrêa

NA MANHÃ MANCHADA DE SOL,
E ESTONTECIDA DE AROMAS BRAVOS
AS CASINHAS, EM PE' NA COLLINA,
OLHAM ENFEITIÇADAS E SILENCIOSAS
O RIO NERVOSO QUE PASSA, LA' EM BAIXO,
LEVANDO NO DORSO UM PEDAÇO DE SOL !

SÃO AS HUMILDES, AS INGENUAS NAMORADAS DO RIO !

DEVEM SER SINCERAS E ROMANTICAS
TRAZEM, COM CERTEZA, A VIDA TRANSBORDANTE
DE ZELLOS, CONTENDAS INFATIS, PEQUENINAS INTRIGAS
E, ALGUMAS VEZES, DOLORIDAMENTE
SALPICADA DE LAGRIMAS OCCULTAS...

(QUE CIUME, MEU DEUS, DA PONTE CURVA
NO ABRAÇO LONGO DA DESPEDIDA
A'S AGUAS QUE SE VÃO
E QUE SAUDADE GRANDE DA MALDADE - BOA
DAS ENCHENTES OUSADAS E VIOLENTAS !)

FACEIRAS ELLAS, TAMBEM,
ESTÃO ENFEITADAS DE SOL
E PERFUMADAS COM O AROMA VIVO
DOS PECEGUEIROS E LARANJAES FLORIDOS !

MAS ASSIM, PENSATIVAS E TRISTES,
NÃO SENTEM COMO E' GRANDE
A ALEGRIA DE OURO DA MANHÃ BONITA
NEM OUVEM A MUSICA DOS PASSAROS
QUE DEU COMEÇO A SARABANDA AGITADA
DOS INSECTOS, NO AR MACIO.

ESTÃO COM A ALMA TÃO LONGE, TÃO LONGE...

E LA' EM BAIXO, ALHEIO A TUDO ISSO,
O RIO - VIOLEIRO, NUMA TOADA MONOTONA,
VAE PELO LEITO A FÓRA IMPROVISANDO
PARA A FESTA DE LUZ
QUE HA NA MANHÃ CONTENTE !..

(DESENHO DE ALLY)

SENHORITAS ZITA E REGINA HELENA

(Photo Guimarães Martins)

SENHORA ARNALDO VOIGT

(Photo Jerry)

N A

P R A I A

M A I S

B O N I T A

Q U E

N O S S O S E N H O R

F E Z . .

E M

C O P A C A B A N A

O N D E

A N T E S

S Ó

D A V A

C A J Ú . . .

Toada pra você

MARIO DE ANDRADE

Outro dia quando recebi da casa editora Chiarato a melodia "Lembranças do Losango Cáqui" de Camargo Guarnieri, já fiquei meio desageitado de falar della. Simplesmente porque os versos da musica eram meus e podia parecer que o elogio era interessado. Agora está me succedendo a mesma coisa com a "Toada pra Você" de Lorenzo Fernandez (edição Bevilaqua, Rio).

Eu gosto bem que musiquem versos meus, não tem duvida. A vaidade é um facto. Só não gosto é que digam versos meus. Isso tenho horror, palavra. Só mesmo dona Eugenia Alvaro Moreyra valorisa poesia da gente, porque ella foi artista o sufficiente para deixar o verso cantar por si, ruim ou bom. As outras recitadoras cantam... por si, não é o verso que canta mais não. Até foi matutando sobre esses pavores que inventei outro dia uma fórmula digna do marechal Floriano: "Verso é verso, diseuse é diseuse".

Bom, voltando pr'a "Toada pra Você" de Lorenzo Fernandez, depois de ler e decorar essa toada, minha convicção é que a lyrica brasileira se enriqueceu com ella duma das suas paginas mais puras.

Si a minha opinião pode ser apaixonada e suspeita por causa que os versos são meus, o facto é que a cantiga tem encontrado um favor enorme. Cantada por dona Julieta Telles de Menezes aqui, foi bisada. Ainda bisada quando a mesma cantora a revelou ao Rio de Janeiro. E bisada pela terceira vez quando dona Rosetta Costa Pinto a entoou no Instituto Nacional de Musica. Mas o facto que desconfio ser absolutamente inedito no Brasil é que a primeira edição de mil exemplares da melodia de Lorenzo Fernandez, se exgotou numa semana!

De facto o musico attingiu nessa melodia uma unidade magnifica de invenção pessoal, expressão de texto e realização formal.

Muitas feitas a obra-prima dum artista attinge o milagre de resolver o caso do ovo de Colombo: é simples, absolutamente facil e se iguala ás manifestações do populario. A gente percebe isso lendo por exemplo certos lieder de Goethe, examinando certas esculpturas egypcias, escutando certos recitativos de Carissimi. Foi isso que Lorenzo Fernandez conseguiu admiravelmente na "Toada pra Você. O acompanhamento malinconico, propositalmente monotono, accultamente refinado, ajuda o embalanço da toada e a moleza sentimental da idéa: é tudo uma coisa só e sobretudo ficou uma coisa pura.

Quando pricipalmente, certos espanhoes de agora, Falla, Joaquim Nin, Mompou e o argentino De Rogatis filiado a esses, e mais o admiravel Bela Bartok, fazem harmonizações artisticas pr'a cantigas populares ou criam em funcção destas, que simplicidade tão refinada que attingem!

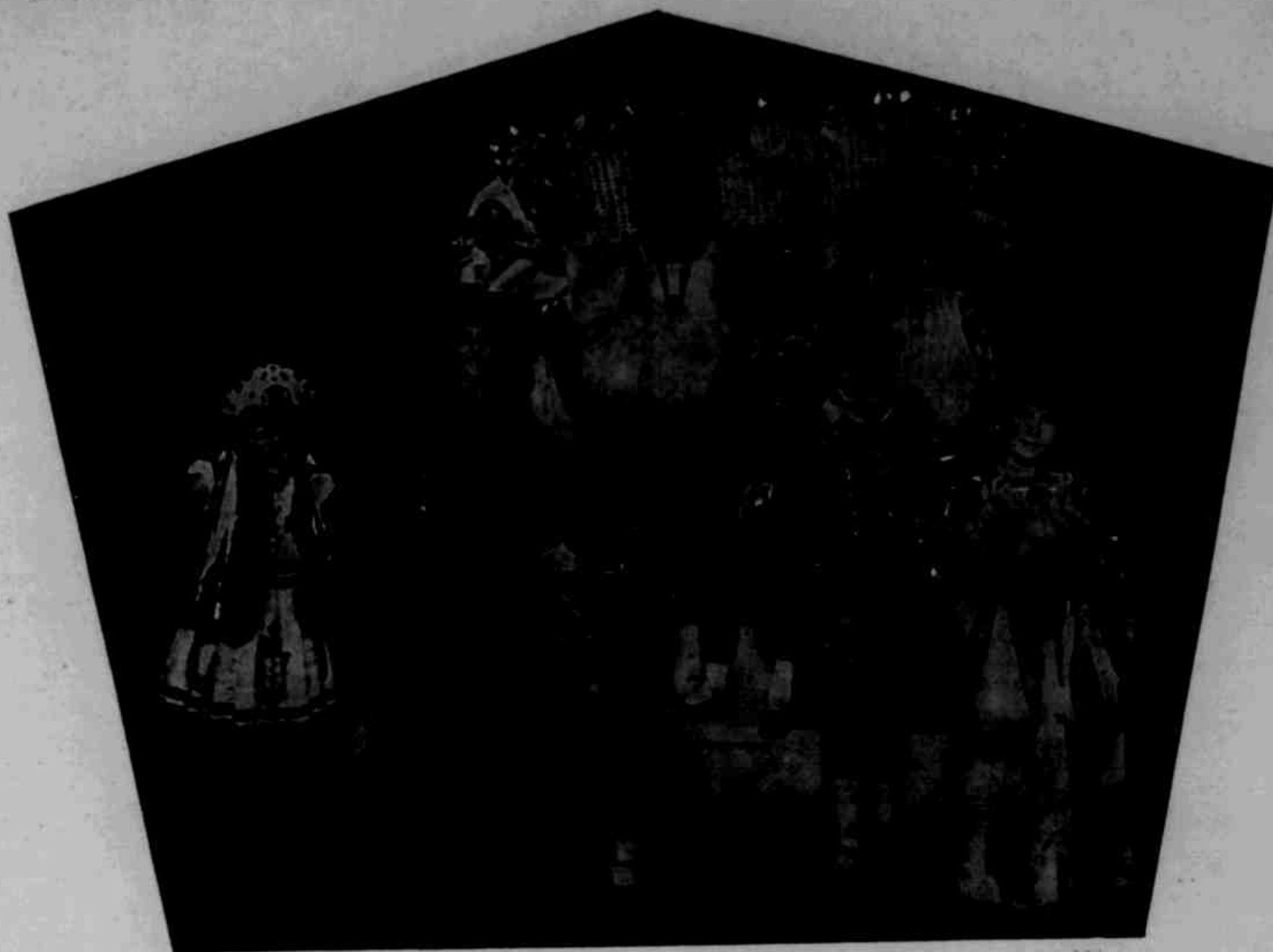
Isso foi o que Lorenzo Fernandez conseguiu e, o que é melhor, sem revelar nenhuma, absolutamente nenhuma influencia delles. Attingiu a pureza brasileira. A "Toada pra Você" tem caracter, uma fatalidade nacional, uma tradição immensa por detraz funccionando.

Desculpem mais uma vez esta qualificação, porém tenho mesmo que falar que "Toada pra Você" é uma gostusura.

Foi uma verdadeira consagração o 1º récital de violino da Senhora Branca C. de Carvalho on ultimo sabbado á noite no Instituto Nacional de Musica. A applaudida artista que é 1º premio, medalha de ouro por unanimidade da Congregação, demonstrou seus elevados conhecimentos do violino, arrancando enthusiasticos e sinceros applausos da grande assistencia que accorreu a ouvil-a.

Segunda-feira, a compositora hespanhola Emiliana de Zubeldia, que é tambem excellente pianista, dará um recital no Instituto. Sabbado proximo diremos todo o bem que Emiliana de Zubeldia merece.

Senhora Branca C. de Carvalho na noite do seu recital com a senhorita Maria L. Guimarães, que a acompanhou ao piano.

É hoje que Luciano Gallet vae apresentar pela voz bonita de Julieta Telles de Menezes este programma batutissimo: I Canções populares brasileiras. 1 — Ai que coração. 2 — Fótorótotó. 3 — Arrazoar. 4 — Foi numa noite calmosa. 5 — Yayá, você quer morrer. 6 — Tutú Marambá. II Interpretações. 1 — Alvaro Moreyra. O destino das fadas. 2 — Mario de Andrade, Pai-do-Mato (lenda e themas indigenas). 3 — Murillo de Araujo. Infancia brasileira. III Cantigas de Roda. 1 — Castanha ligeira; Carneirinho, Carneirão. 2 — Atirei um páo no gato; Bella Pastora. 3 — Condessa; Marcha soldado. Duas canções populares: Xangô e Bambalelê.

A senhora Clara Korte, professora de dansas classicas, apresentou, sabbado, no Theatro Phenix, as suas discipulas em varios numeros de um programma muito applaudido.

Uma enquête literaria

Quando o sr. Paulo Silveira surgiu no jornalismo do Rio de Janeiro foi para conquistar uma posição de destaque. Após um ligeiro aprendizado na "Bôa-Noite", cuja direcção lhe entregára seu pae, o illustre jornalista Victor Silveira de tão saudosa memoria, passou Paulo Silveira a assignar artigos e chronicas pelas columnas da "Gazeta de Noticias", e d'"O Paiz", artigos e chronicas que despertaram, de prompto, uma viva curiosidade, pelo imprevisto da maneira, pelo fulgor do estylo, pela scintillação das idéas.

Quanto á "maneira", elle apparecia como um revolucionario, apregoando a necessidade da proscripção total das regrinhas da grammatica, que só serviam para prender o pensamento do artista nas cadeias de um purismo anachronico e secular que nada adiantava. No seu entender, era obrigação de todo escriptor brasileiro de escrever em "brasileiro", isto é, — de accordo com a expressão corrente da linguagem simples que nascia do coração do povo e que era a unica que podia ferir a susceptibilidade do cerebro da nacionalidade. Como Eça, elle proclamava o dever que nos cumpria de escrevermos, todos nós, "patrioticamente mal..." Mas, como o grande romancista luzitano, outra coisa não tem feito elle, Paulo, do que escrever maravilhosamente bem... O seu livro "Azas e Patas", por signal, o unico que até agora publicou, o attesta. Attestam-no as suas chronicas, os contos, as suas admiraveis "aguas-fortes", apparecidas, aqui e alli, em jornaes e revistas. O facto, entretanto, de termos, todos nós, travado conhecimento com esse escriptor atravéz de jornaes, não quer dizer que elle seja precisamente um jornalista, no sentido em que geralmente se emprega essa palavra. Elle serve-se, em verdade, do jornal, para agitar idéas, emittir conceitos de ordem geral, fixar observações, algumas prodigiosas, do momento que passa; tem, ás vezes, necessidade, por dever de officio, de commentar o assumpto occorrente, o que faz sempre com brilho. Mas, pessoalmente, não esconde o desgosto que esse dever lhe causa. Sente-se, lendo-o, que Paulo Silveira, noutro meio, seria uma poderosa faculdade creadora, um generalisador, um artista, emfim, capaz de arrancar da vida, para lhes dar alma, os symbolos eternos que a representam. Seria um grande romancista, si o nosso meio o comportasse. Seria um grande "conteur", si se pudesse viver no Brasil de escrever contos... Não podendo ser nada disso, pela imposição das proprias circumstancias materiaes que cercam a existencia do escriptor no nosso paiz, Paulo Silveira vinga-se, sendo o mais original, o mais curioso, o mais paradoxal, o mais brilhante, o mais encantador chronista literario — e, por que não dizer? politico do nosso tempo.

Nesse sentido, a sua carreira literaria tem-se affirmado, dia a dia, mais luminosamente. Com o exercicio de uma literatura de que foi o creador, á proporção que os dias passam, o seu estylo ganha em clareza e sua satyra ganha em vigor, as suas idéas adquirem mais precisão. Tem-se dito de Paulo Silveira que elle é um escriptor humoristico. Escriptor humoristico teria sido, no Brasil, Arthur Azevedo, morto. Vivo, Bastos Tigre. Paulo, não. Paulo Silveira é um escriptor sarcastico, por excellencia. Basta, para chegar-se a essa conclusão, attentar nos seus processos de critica ou de polemica: são sempre pessoaes, directos, fagulhantes, como laminas. E é precisamente esse sarcasmo, e o tom incisivo do seu claro dizer, que o tornaram uma figura de tão excepcional relevo no seu meio e na sua época. As suas observações, quer se tratem de assumptos de natureza politica, literaria ou social, elle as lança sempre de um modo cortante. Isso alliado a um notavel espirito de independencia forma o traço caracteristico do seu processo.

Entre os escriptores modernos do Brasil, Paulo Silveira é um dos que possuem maior talento. Aliás, si o sr. Conselheiro Accacio vivesse, não teria duvida, estamos certos, de assignar esse conceito... Até ahi, não ha nenhuma novidade. Mas o talento, por si só, bastaria, para fazer o que tem feito esse plastico singular da palavra? Certo que não. E' que Paulo junta ao invejavel talento que Deus lhe deu, uma cultura cujos meios de adquirir lhe foram proporcionados por seu illustre Pae. Effectivamente, Victor Silveira, cuja alma foi tão grande como a sua intelligencia, viveu sabidamente numa constante adoração dos filhos. Teve dois, varões: Lourenço e Paulo. O primeiro, Lourenço, uma cruel tuberculose matou em Paris, quando elle tinha apenas vinte e poucos annos. Era uma alma simples e cheia de doçura que deixou no caroção de quantos o conheceram uma infinita saudade... Ficou Paulo, que poude viajar, estudar, aprimorar o espirito e a educação. Depois disso, com o fructo de uma vida methodica, de um grande amor pelos livros, de uma insaciavel curiosidade por todos os ramos do saber, surgiu essa figura de homem superiormente educado e culto, escrevendo e brilhando, procurando, muitas vezes, o despeito e a inveja que o valor desperta sempre, mas creando, em torno de si, um numero cada vez maior de amigos e de admiradores sinceros.

O seu nome, hoje, como escriptor, não se circumscreve nem se restringe ao applauso de uma roda: impõe-se ao conceito e á admiração de todo o paiz.

* * *

O QUE NOS RESPONDE PAULO SILVEIRA

Nascido no Rio de Janeiro, aqui produziu toda a sua obra. Desempenhou algumas commissões do governo na Europa. Collaborador effectivo do "Jornal do Commercio", do "O Paiz", da "Gazeta de Noticias" e do "Correio Paulistano". Funccionario do Ministerio das Relações Exteriores.

E' do theor seguinte a resposta que nos enviou:

I — Que pensa, de um modo geral, do nosso movimento literario? Temos evoluido, estacionamos ou temos retrogradado?

— "Temos evoluido muito. A grammatica que era a legalidade do pensamento nacional foi destruida pela revolta dos moços. Escrevemos como pensamos, sem diccionarios e sem vergonha... Os escriptores amigos da Grecia, admiradores de Socrates e Platão que todas as noites, antes de dormir, rezavam em fraldas de camisa a oração a Acropole de Renna, estão pouco a pouca sendo esquecidos pelo publico. As "abelhas douradas" do Hymetho transformaram-se em maribondos nacionaes de côr parda. O cabrito brasileiro não sobe mais a Ocropole para contemplar a arte com "a" maiusculo: sóbe a Favélla e adora a mulata brasileira..."

II — Que pensa da lucta das chamadas escolas literarias? Qual dellas tende a predominar? Quaes os escriptores contemporaneos que as representam?

— "Ha algumas escolas literarias que só têm professores mas que não têm alumnos. Literatura não se aprende... Lucta de escola? Aqui todo mundo é governista em literatura... Não vale a pena brigar. Não existe convicção literaria no Brasil. O escriptor não póde ser um "homem de palavra" como os mentalidades para citar. Gilberto Amado homens de negocio... Temos grandes espirito largo, transatlantico, cujas aguas fortes e luminosas banham continentes de idéas. Ronald de Carvalho intelligencia certa, raciocinio mecanico capaz de fazer tudo desde que tenha o os "Luziadas" elle faz e si quizerem a original deante dos olhos. Si quizerem "Moreninha" elle tambem faz. E' a literatura ao gosto do freguez. Mas é um grande cerebro. No Ministerio do Exterior elle me dá a idéa de uma guia comendo moscas. E a ingenuidade marota de Alvaro Moreyra? Admiravel poeta! Original. Faz-se de menino para sentar-se no collo da poesia e beijal-a a vontade.

"Não faz isso Alvaro..." "Malcreado!" "Feio!" "Tou zangado com você!..."

Chega!

III — Por que se fez escriptor? Por tendencia? Por necessidade? Ha uma situação material, de inferioridade, do escriptor nacional, em face do escriptor estrangeiro? Si ha, quaes as providencias de ordem legal ou moral que indica para melhorar essa situação?

(Conclue no fim da revista)

PAULO SILVEIRA

Caricatura de Di Cavalcanti

AMOR A PRIMEIRA
VISTA DE VM
HOMEM QVE
NÃO É MÁO
ROBERTO RODRIGVES
XXVIII

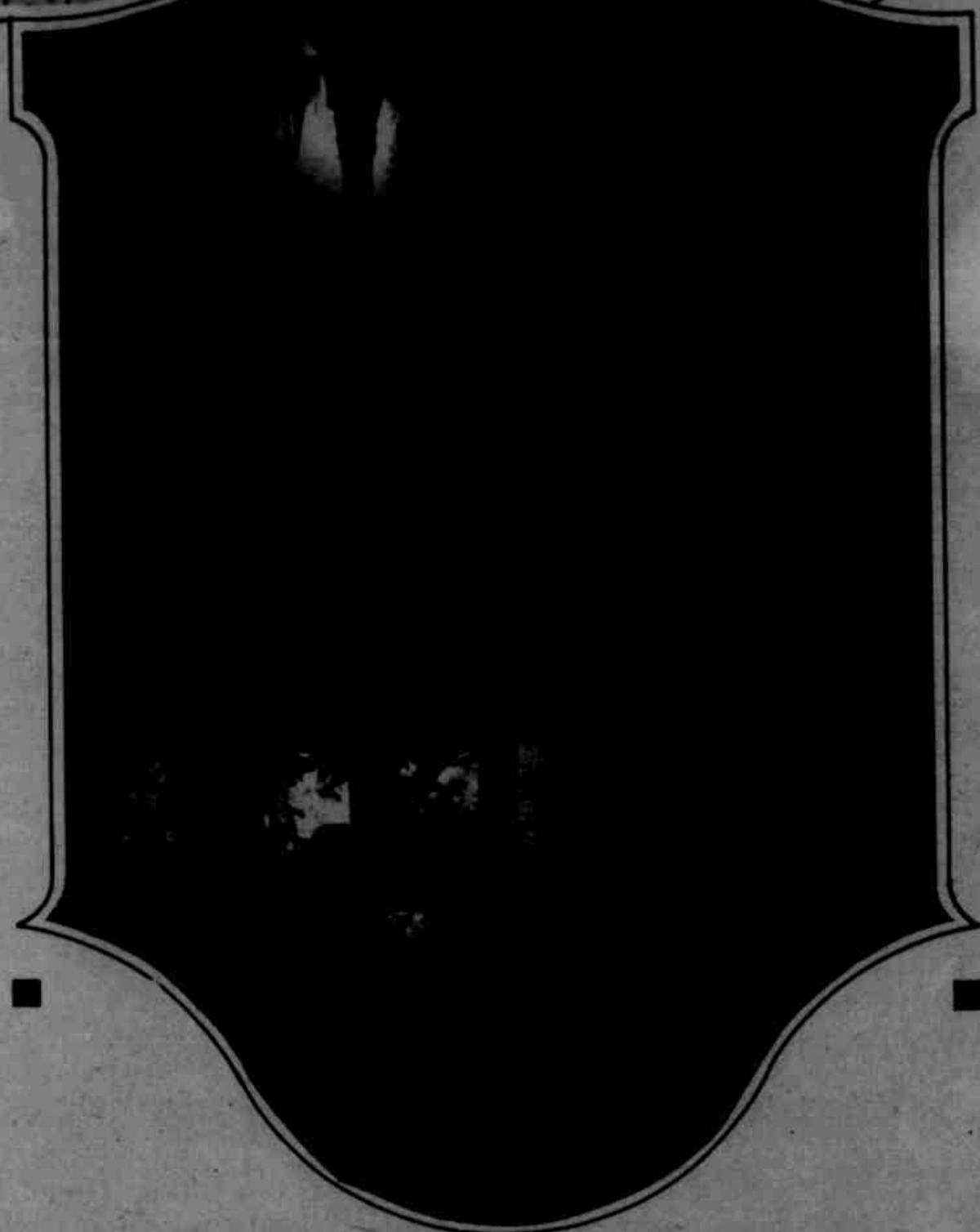
CURSO DE DANSA — FLUMINENSE F. C.

Os professores Pierre Michailowsky e Vera Grabinska com as alumnas rodeam Anna Pavlova no dia da visita da illustre artista ao curso.

PETROPOLIS

Duas paysagens

ASPECTO DA CAPITAL DO BRASIL COM UM TRECHO DA BAHIA DA GUANABARA ONDE ESTA' A ILHA DAS COBRAS.

RIO DE JANEIRO

LUAR NA PRAIA DE ICARAHY EM NICTHEROY.

PAULO PRADO
(Desenho de Di Cavalcanti)

Retrato do Brasil

Este "Ensaio sobre a tristeza brasileira" actualisa o grito proverbial do brasileiro desequilibrado, pela cultura, com o meio social confuso, a saber — "Este é um paiz perdido...

Solidamente esteiado pelo conhecimento da nossa historia e longo trato das outras gentes, das civilisações mais refinadas, Paulo Prado enche-se de coragem e diz ao Brasil, pintando-lhe o retrato, verdades que se convencionou esconder, traços mais duros que se procura diluir com côres mais suaves: a luxuria e a cobiça do do colonizador agindo como dissolvente sobre os elementos subjugados, o desleixo social consequente, a origem romantica das instituições politicas mal adaptadas ao meio.

Póde-se discordar do modo pelo qual Paulo Prado põe e resolve o problema. A mescla das raças, os caracteres psychologicos de cada uma dellas como dado primordial, como ponto de partida para a analyse da formação historica da sociedade brasileira. E a guerra ou a revolução, para serem discutidas como solução do problema brasileiro, carecem ser entendidas de modo preciso e concreto, não construidas no plano idealista, não soluções romanticas que são faces diversas do messianismo nacional.

Do que não se póde discordar porém é do valor do livro. Pensado e repensado. Documentado seriamente. Feito sobriamente. Material para os que não se contentam em dormir o somno colonial, sonhando com as maravilhas da terra.

Garden-party infantil no Metropole Hotel.

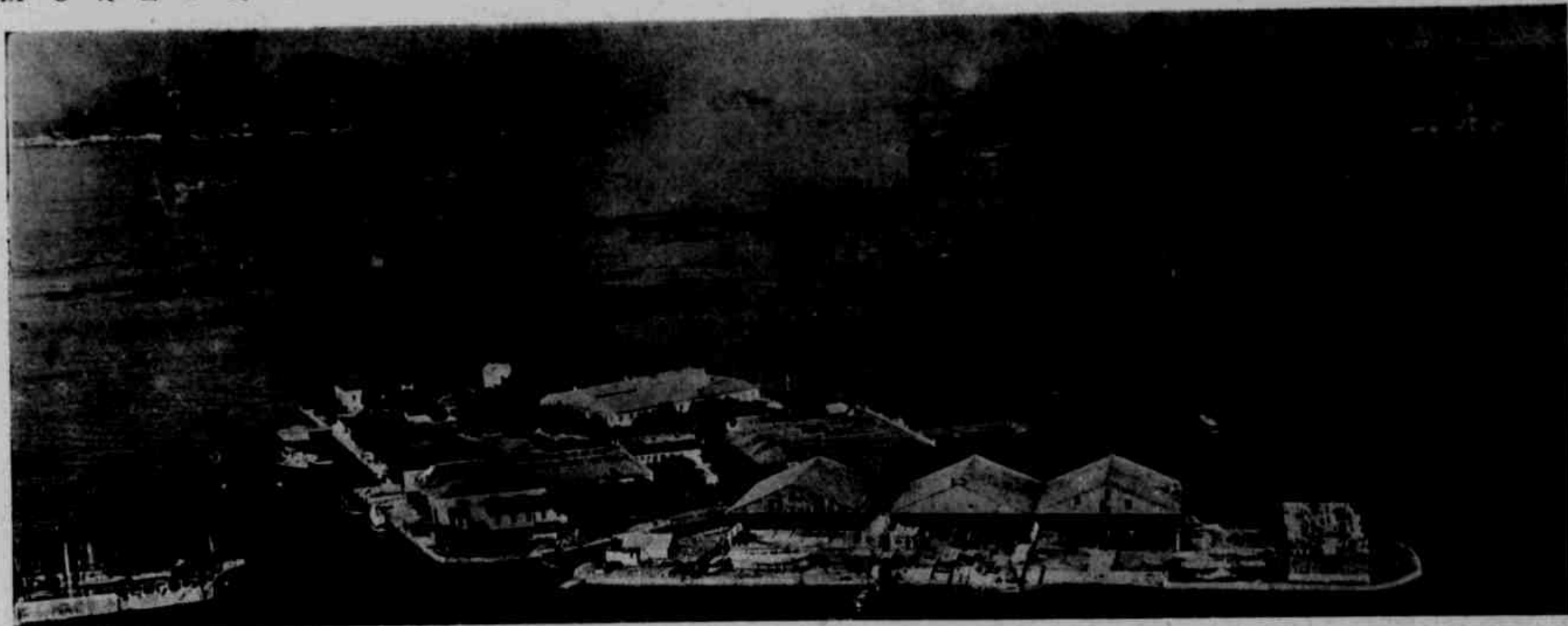
A gente miúda está contente

Encerramento das aulas no Collegio Bennett. ....

Lá em cima

Nossa Senhora Apparecida eu vim aqui pra lhe contar que
estou contente com a minha vida.
Podia ser melhor.
Mas podia ser peor.
Não quero nada, mais nada.
Só que tudo continue como já foi.
Que uma porção de gente me ache engraçado e os homens
de negocio digam que eu sou uma creança...
Que eu fique assim igual a mim.
Não quero ser mais do que sou.
Não quero ter mais do que tenho.
Nossa Senhora Apparecida eu vim aqui pra lhe contar que
estou contente com a minha vida
Porém se eu continuar me queixo...

ALVARO MOREYRA

Amaury de Medeiros com sua Exma. senhora e seus filhos. Photographia tirada domingo 2 de Dezembro, vespera do grande desastre que o victimou.

Vista aerea, Ilha das Enxadas, porto do „Condor" Syndicato".

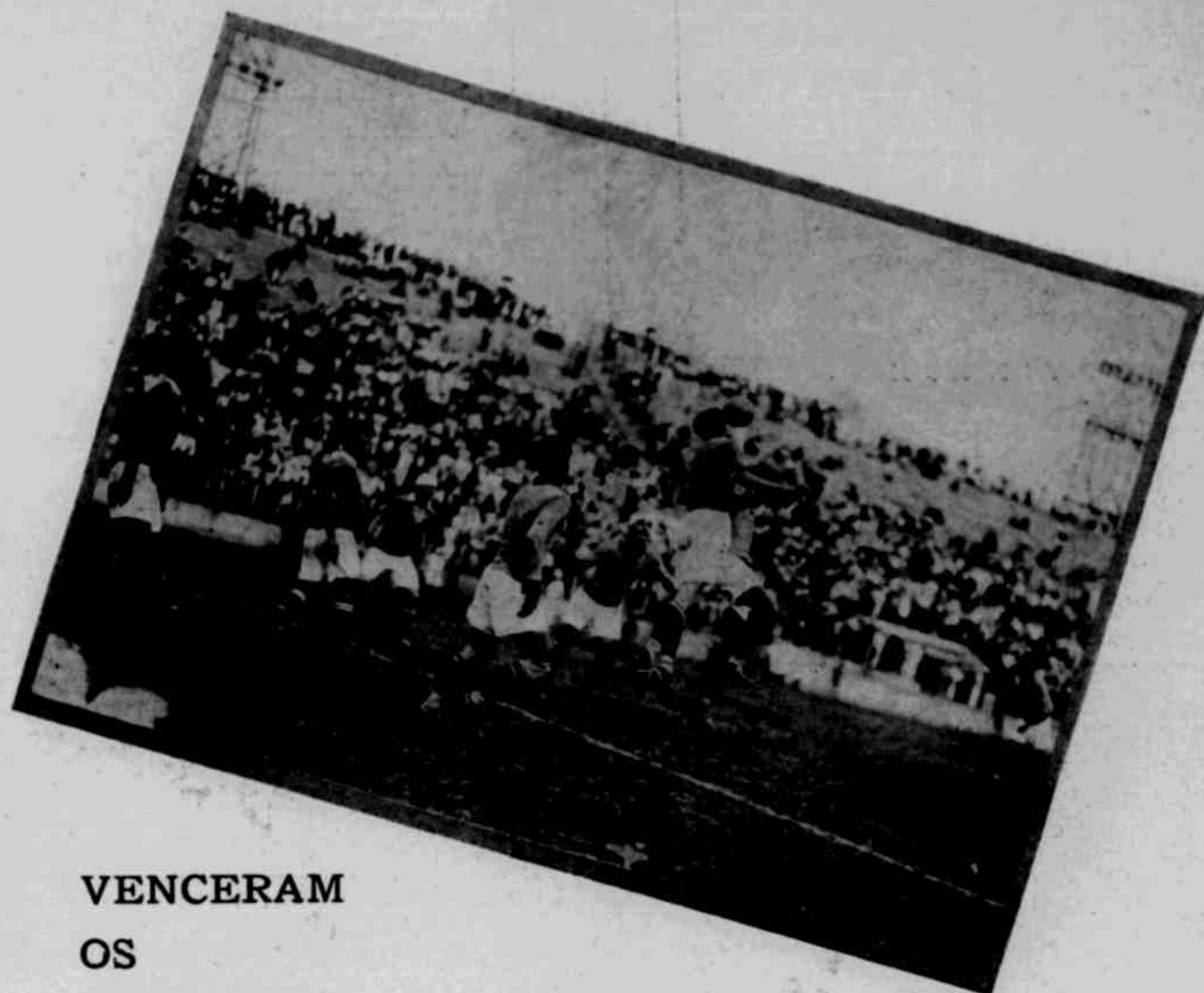
Vallo Major

O logar onde cahiu o "Santos Dumont" photographado pelo Major Vallo que assignou a photographia, dias antes do desastre.

Os onze cariocas: ...nado, Pen...
Helcio, Nascim...to, Flori...
Fortes, Pas...al, Nilo,
Rogerio, Arthur e
Theop...lo.

SEXTO
CAMPEONATO
BRASILEIRO
DE
FOOTBALL

ENCONTRO FI...
DOMINGO NO E...
DIO DO FLUMIN...

Os
onze
paranaenses:
Budant, Cuka, Pizzato,
Talchine, Ninho, Corruira,
...delino, Marreco, Emilio, Stacco

Mariangela

D E

JULIO TINTON

O mundo lê, recorda, depois vae citando os nomes, dois a dois, quando conta as historias desses amores tão soffridos:

Romeu e Julieta — Othelo e Desdemona — Paulo e Virginia — Innocencia e Cyrino...

Amores feitos de sombra. Nomes vestidos de luto. O mundo fala nelles em voz baixa:

— Qual ! Amor ? Só esses, mesmo.

Eu ouço e fico pensando, Mariangela.

Se este mundo, que sabe tanta coisa, algum dia soubesse de nós dois... daquelle nosso bemquerer tão sem ensaios, aquelles dias tão ligados e simples como as continhas de um terço...

Se este mundo soubesse de nós dois e hoje te visse tão longe de mim, casada com um feliz commendador, "conceituado negociante nesta praça", e me visse sosinho de noite: fuma e escreve, fuma e escreve...

Ah, Mariangela, Mariangela....

Se este mundo soubesse de nós dois, eu é que sei como elle havia de falar...

Distribuição de esmolas aos pobres de Botafogo na Igreja de São João Baptista da Lagôa

Ciume

D E

FRANCISCO I. PEIXOTO

Um inglez côr de ócra, de olhos côr de bilis, de calças typo esporte, na hora em que avistamos o Rio de Janeiro arregalou muito os olhos, parou bestificado, tirou de uma bolsa preta uma codáque autographica e codaquo com ella prá desculpar a sua admiração a bahia da Guanabara todinha sem faltar nem o Pão de Assucar.

Eu sabia que quando elle voltasse prá Inglaterra havia de mostrar pros inglezes amigos delle "the most beautiful bay in the world"...

Mas eu não queria isso não.

E si eu fosse mais forte mettia era o braço nelle e azulava com a codáque pro fundo do mar.

Directores e convidados no salão de festas

Bençam e inauguração da séde nova do Botafogo F. B. Club

Grupo feito na varanda

Chegada ao Rio do senhor doutor Adolpho Konder, presidente do Estado de Santa Catharina

Almoço que o senhor general Ortiz Rubio offereceu aos seus auxiliares da Embaixada do Mexico na vespera da sua partida.

OCÊ PENSA...

— "Ocê qué casá cummigo,
nha Dódó ? Me diga lá.
Nóis já semo tão amigo...
E' mão de nóis s'inforcá.

— Sinto munto, mais, eu, já,
num posso casá cumsigo.
Sô moça. Quero gosá,
premêro, a vida, nhô Vigo.

Mais tarde, quando eu tivé
mais uns vinte ô trinta anninho,
então, sim, eu posso...

— Ché !

Ocê pensa, nha Dódó,
— quanto mais véia, mais mió ? !..."
que muié - que — nem vinho.

E' MERMO EXTRANHO...

A Plinio Cavalcanti

— "Você, cum essa energia,
cum essa disposição,
gastá tempo im porcaria,
num passá de sacristão !...

E' mermo extranho, nhô Ilia !
S'eu tiaesse esse corpão
que você tem, eu sabia
cavá um — a profissão !...

— Mais, quá profissão, nhô Ná ?
Pur favô, me diga — quá ?
— Num seje tão sarambé !

S'eu fosse que — nem você,
forte ansim, eu ia sê
capanga do coroné !"

E' A MAIO' BURRICE...

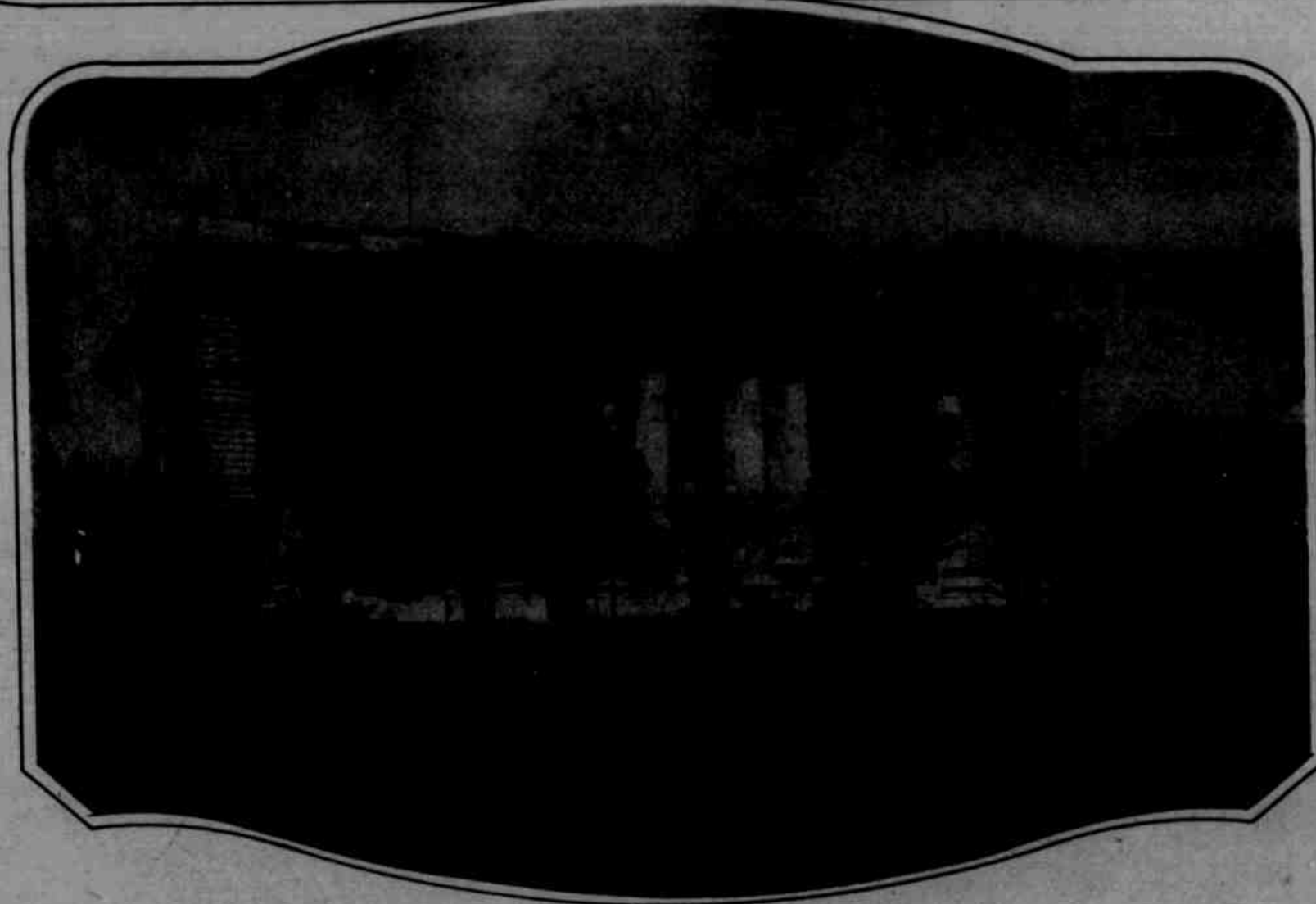
— O Pordino me contô
que você, Juca Leitão,
anda perdido de amô
pela neta de nhô Antão...

— Ara ! S'eu inté já sô
noivo da tar, nhô Janjão !...
— Sim... Mais, vacê já pensô
bem no preço do feijão

— Inda não...

— Púis ói: Cuidado !
Num seje pricipitado,
se num qué se arrependê !

Casá num tempo deffice,
cumo este, é a maió burrice
que um hóme póde fazê !"

F O N T O U R A C O S T A

PORTO ALEGRE

DELEGACIA FISCAL E CORREIO.

CAIXA D'AGUA. DOIS ASPECTOS.

PALACIO PRESIDENCIAL.

Photos Kosmos Porto Alegre.

MULHER... É SEMPRE MULHER...

S C E N A S

MULHER... É SEMPRE MULHER...

A VIDA PASSA...

COMPANHIA BRASILEIRA DE SAINETES

MAL-VA-DA

GARIBALDI

ABIGAIL MAIA·ODUVALDO VIANNA

GARIBALDI

A velha rua de casas coloniaes...

Eu amo a velha rua de casas coloniaes... Amo a sua tristeza incomensuravel, amo a luz violacea de seus lampeões á gaz, amo as suas casas sombrias e atormentadas nas quaes eu descubro uma dôr secreta, uma dôr infinita e incomparavel.

A velha rua tem uma sensibilidade, tem uma alma. Ella sente, ella soffre, ella vive.

Passeio na velha rua á noite, quando ella está afogada em sombras pavorosas, donde irrompem, a todo momento, vultos instantaneos que apparecem e desapparecem immediatamente, numa successão vertiginosa. Só á noite essa estranha rua é curiosa, admiravel. Porque ella, durante o dia, é victima dum pudor excessivo. Ella não quer que ninguem lhe conheça a vida, que ninguem penetre no segredo de sua dôr. E, assim, guarda uma attitude de indifferença, de impassibilidade, emquanto a luz do dia a descobre toda, trazendo a uma evidencia escandalosa a mais humilde de suas pedras. Ahi ella está ao alcance de qualquer olhar, está aberta para a curiosidade do homem.

Mas, á noite, quando uma combinação da luz pallida de seus lampeões e da escuridão da noite, compõe uma penumbra inquietante de mysterio e de crime, que a envolve, salvando-a de investigações humilhantes, então, eil-a que arremessa sua falsa insensibilidade e soffre, livremente, sinceramente, sua dôr.

E eu assisto a um espectaculo assombroso. Vejo a alma fantastica dessa rua, recanto a recanto. Vejo o trabalho de milhares de sentimentos espantosos. E vejo a velha rua alucinada, numa orgia de sensibilidade...

Eu experimento, então, uma alegria exquisita, dolorosa. O soffrimento ignorado da velha rua produz-me um sentimento cruel, mixto de sadico e masoquista. Góso uma alegria triumphante e soffro uma agonia que me suffoca, me estrangula.

A culpa, entretanto, não é minha. E' da velha rua que só soube inspirar esse estado de alma. O homem não sente, deante duma paysagem, senão o que esta lhe suggeriu. Ha paysagens que produzem estados de alma claros e nobres. Outras só produzem estados de alma torvos e torpes... Mas, o certo é que são as paysagens, e não nós, que fazem os nossos estados de alma e, por fim, nossa vida intima.

Volvendo á velha rua: todas suas pedras, uma por uma, se transformam, logo que a noite a salva do olhar ultrajante do homem, se transformam num grito, num soluço — soluço e grito que não explodem, suffocados pela immobilidade invencivel da pedra.

A dôr da rua de casa de coloniaes é uma dôr muda, immovel, dôr sem manifestações, sem escandalo e, por isso mesmo, mais terrivel, alucinante. E' a dôr das cousas mortas...

A velha rua não grita, não chora, não soluça: mas, quantos gritos ha, quantas lagrimas, quantos soluços, naquellas casas coloniaes, naquelles lampeões de luz agonizante, naquelle silencio infinito, imperturbavel?

São gritos, são soluços, são lagrimas sopitadas brutalmente.

As casas coloniaes estão mudas, impassiveis. Mas se sente que ellas soffrem, que ellas são atormentadas por uma saudade muito longa duma cousa morta. E tambem se sente que o seu soffrimento é sereno como se uma resignação dolorosa o attenuasse.

A alma da casa colonial só tem logar para a saudade: ella sente saudade duma vida extincta, dum mundo extincto.

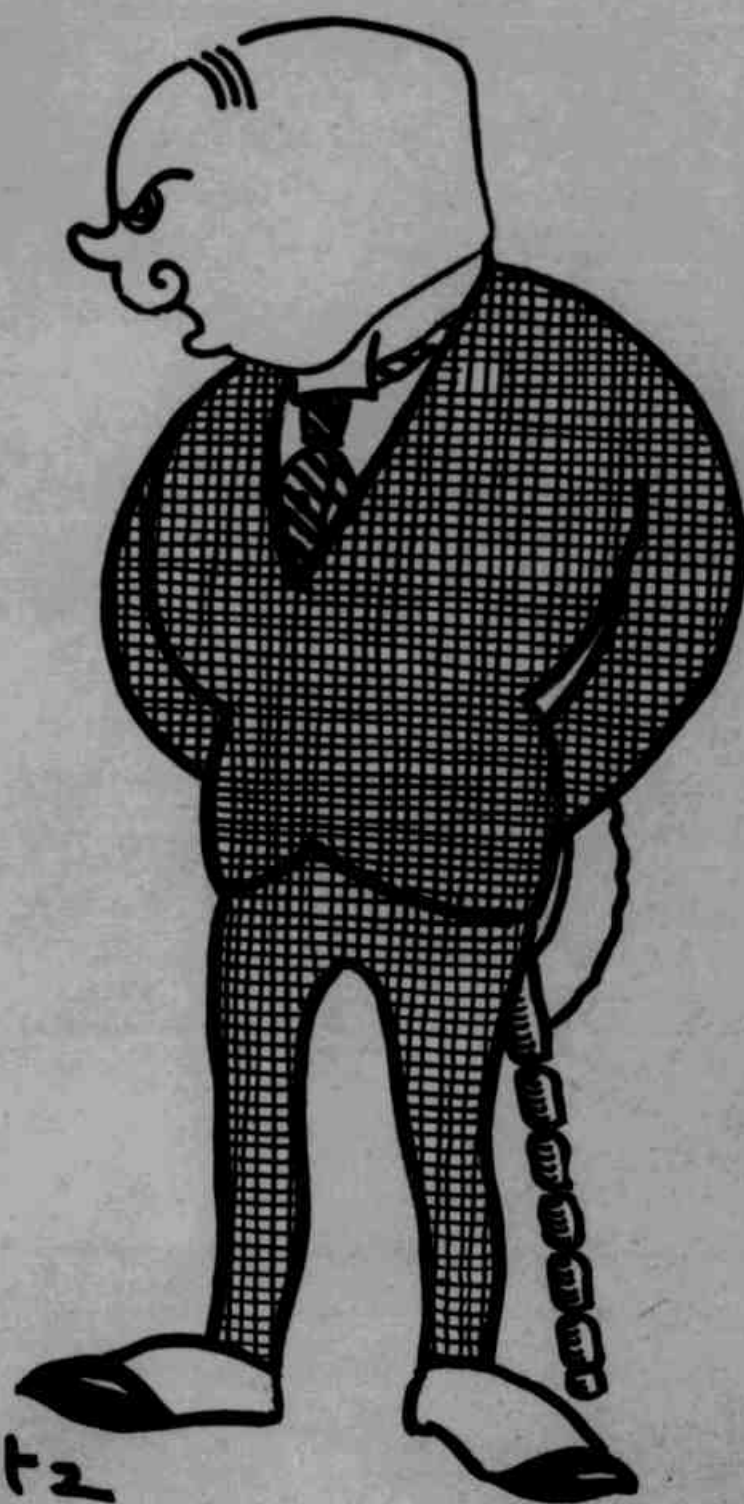
A luz pallida dos lampeões a gaz sente saudade, tambem. E, por fim, em toda a velha rua de casas coloniaes vive a saudade: é uma rua de saudade a velha rua.

Então, me parece que a saudade é um sentimento universal, eterno, unico. Tenho a impressão de que a saudade empolgou todas as almas dos sêres vivos e mortos.

Levanto o olhar e vejo as estrellas. E cuido ouvir a voz de luz das estrellas cantando hymnos suaves á saudade.

NELSON RODRIGUES

O R A D O R E S

Oswaldo Paixão
Caricatura
de
O ozio

Raphael
Pinheiro
Caricatura
de
Fritz

Ha, neste momento, um assumpto que a todos os demais supplanta, a tudo dominando e sendo objecto de todas as palestras. A "santa" de Campinas dá que falar.

Formam-se partidos. Ha os que são exaltadamente contra a "santa", coitada, e contra o Bispo; ha os que se batem por Soror Amalia de Jesus Flagellado e por D. Barreto e ha ainda os que se aproveitam das manifestações sobrenaturaes da modesta religiosa para defenderem suas doutrinas espiritas.

Emfim, a discussão está aberta e em meio a ella surgem opiniões de todos os matizes. D. Francisco Barreto está mettido num sarilho immenso... Todos querem ver a irã estigmatisada, todos desejam ouvil-a e lhe assistirem aos transes. D. Barreto, no entanto, não quer consentir. S. ex. revdma. não transige.

Cá para mim, o Bispo tem razão. O caso de Campinas não pode ser explorado como o caso da "mulher barbada" ou como o "dos irmãos xiphopagos", ou ainda como o da "vacca mysteriosa". Ha uma differença sensivel. Qualquer leviandade por parte das autoridades ecclesiasticas occasionaria desrespeitos e profanações. Todo o rigor é aconselhavel, em primeiro logar pelo muito que deve merecer de nós uma alma simples e pura, recolhida a um ambiente sagrado.

A irmã Amalia exige a protecção da Igreja. Expôl-a como um numero sensacional á curiosidade irreverente das multidões e ao commentario alegre e profano da humanidade — seria um crime. E de tão revoltante sacrilegio não deseja de certo assumir responsabilidade o prelado illustre em cuja diocese se verificou o caso.

Accusam-no, então, de invencionices, esquecidos os que assim agem de que D. Francisco de Campos Barreto além da autoridade especial que lhe devem das funcções que exerce, tem ainda o prestigio de uma intelligencia culta e a força de uma existencia toda devotada á pratica do bem.

Que dois dentre os quatro medicos que assistiram á irmã Amalia nos seus momentos de extase, mas que não viram o sangue jorrar das chagas da humilde religiosa estigmatisada, attestem tratar-se de um caso clinico, não é de estranhar. A sciencia de ha muito que entra em conflictos com a Religião. E pode bem ser que, por vontade de Deus, a esses esculapios não fosse concedida a graça de presenciarem á verificação do milagre. D. Barreto, porém, viu com os seus olhos formarem-se os estigmas e delles sahir o sangue.

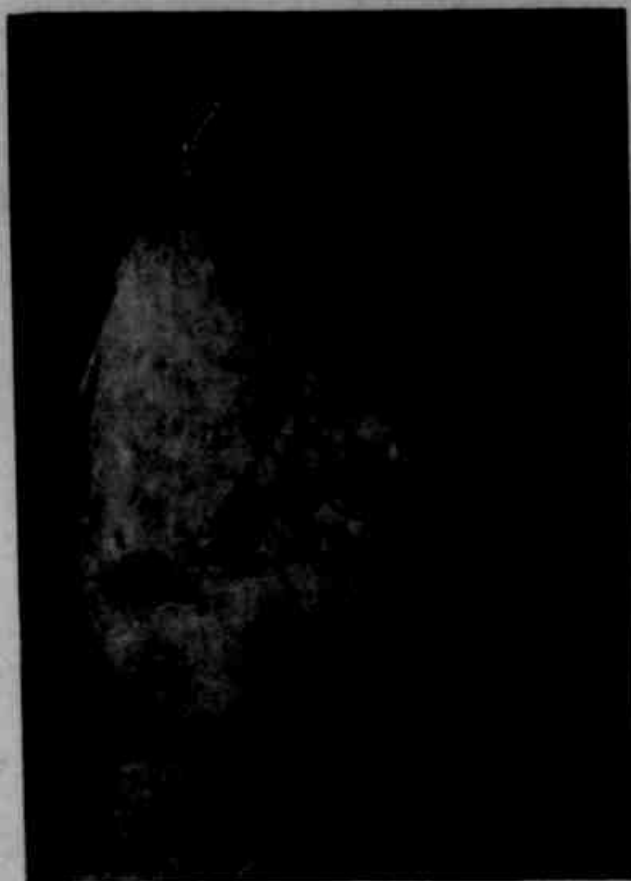
Esta informação eu não a dou por ouvir dizer. Ouvia-a da bocca do proprio Bispo, no palacio Episcopal, em Campinas. Muitos jornaes, porém, contrariados por que D. Francisco lhes negou o retrato da moça e a isolou do mundo — vingam-se, empoeirando de ridiculo as entrelinhas de suas reportagens mais ou menos sensacionaes.

Por vontade delles a Igreja alugaria os theatros maiores das cidades brasileiras e se transformaria em emprezaria de uma "tournés" alegre com fins commerciaes e de propaganda religiosa.

Soror Amalia seria exposta, então, como o foi o rei dos jejuadores, a campeã da dansa, ou a creança de duas cabeças.

Que Deus, Nosso Senhor, se apiede dessa gente!

Salvador Roberto

D E S A O P A U L O

Senhora João Amaral no dia do seu casamento.

(Photo Rosen)

■

FESTA DE ARTE

Yvonne Doumerry, aquella figurinha de biscuit que tem origem franceza e nasceu na Bahia, terra das lindas Ya-Yás e da pimenta cheirosa, além de trabalhadora tem o dom de multiplicar a sua actividade e intelligencia de uma forma apreciavel.

Quem assistiu o bello festival que ella proporcionou á sociedade paulista no Teçayndaba, com o concurso dos seus alumnos, sahiu daquella festa admirado da multiplicidade de cousas que a querida artista poude apresentar.

Realmente, afóra os numeros de canto, alguns bem agradaveis e ungidos do espirito da nossa terra, ficaram vagando deliciosamente em nossa imaginação, aquella symphonia chromatica de gaze, tartalana e ouro que davam a illusão de que, o aristocratico palacio, se transformara num pedaço de matta brasileira cheio de garças guarás, borboletas e azulões.

Yvonne Doumerry deve estar saudosa do successo da sua festa mais bonita.

■

A seducção das joias de phantasia é universal.

Das montras da rue de La Paix, á calle Florida, da rua do Ouvidor ao Triangulo, ellas dominam fascinantes graças á intelligencia dos artistas admiraveis que a conceberam com aquella mesma arte requintada dos ourives antigos que, sabiam trabalhar, com o ouro e as pedrarias verdadeiras.

Em S. Paulo, quem dá a nota elegante em artigos tão cobiçados, é a Casa Eurico, que as recebe directamente dos seus agentes de Londres, Paris e Vienna.

■

No Theatro Municipal apresentou-se á sociedade paulistana, o novo conjuncto que, sob o nome de Paulicéa Coral, acaba de ser organisada pelo maestro Leo Ivanof com o valioso concurso da soprano lyrico professora Olga Urbany, o pianista Chagas Junior e outros elementos de destaque do meio musical de S. Paulo.

Com o sentimento artistico de sua nobre raça e aquelle traço fulgurante que dá ao slavo algo de extraordinario, o maestro Leo Ivanof soube, como ninguem melhor o saberia, disciplinar admiravelmente as vozes variadas de moças e rapazes de differentes raças, dando-lhe uma sonoridade orchestral e um caracter enrhythmico fóra do commum.

Integrado na vida brasileira e comprehendendo que a nossa terra começa a viver, a sentir os anceios de sua individualidade, sentiu-se tambem com forças para nacionalisar a nossa musica, tirando para isso, das melhores fontes, o lampejo de sua concepção.

E todos quantos ouviram a Paulicéa Coral nos "Olhos de Cabocla", no "Toca Zumba", "Na Praia Azul" e no "Batuque" (á moda paulista), ficaram não só maravilhados da capacidade creadora de Leo Ivanof, como principalmente de ver que atravez desse expressivo idioma que é a musica, todos aquelles que têm alma se entendem tão bem como se falassem na sua propria lingua.

Senhora Raymond Talludec (Maria da Penha Sotto Mayor) cujo enlace se realisou no dia 3. O senhor Raymond Talludec é jornalista e nosso collaborador.

Nocturno

A Alvaro Moreyra

A chuva cahiu tão devagarinho,
que os pingos d'agua pareciam "psios" do silencio
ao vento que assoviava irreverente.
E embalada pela cantiga da chuva,
e acariciada pelas mãos enluvadas da sombra,
a noite adormeceu serenamente...

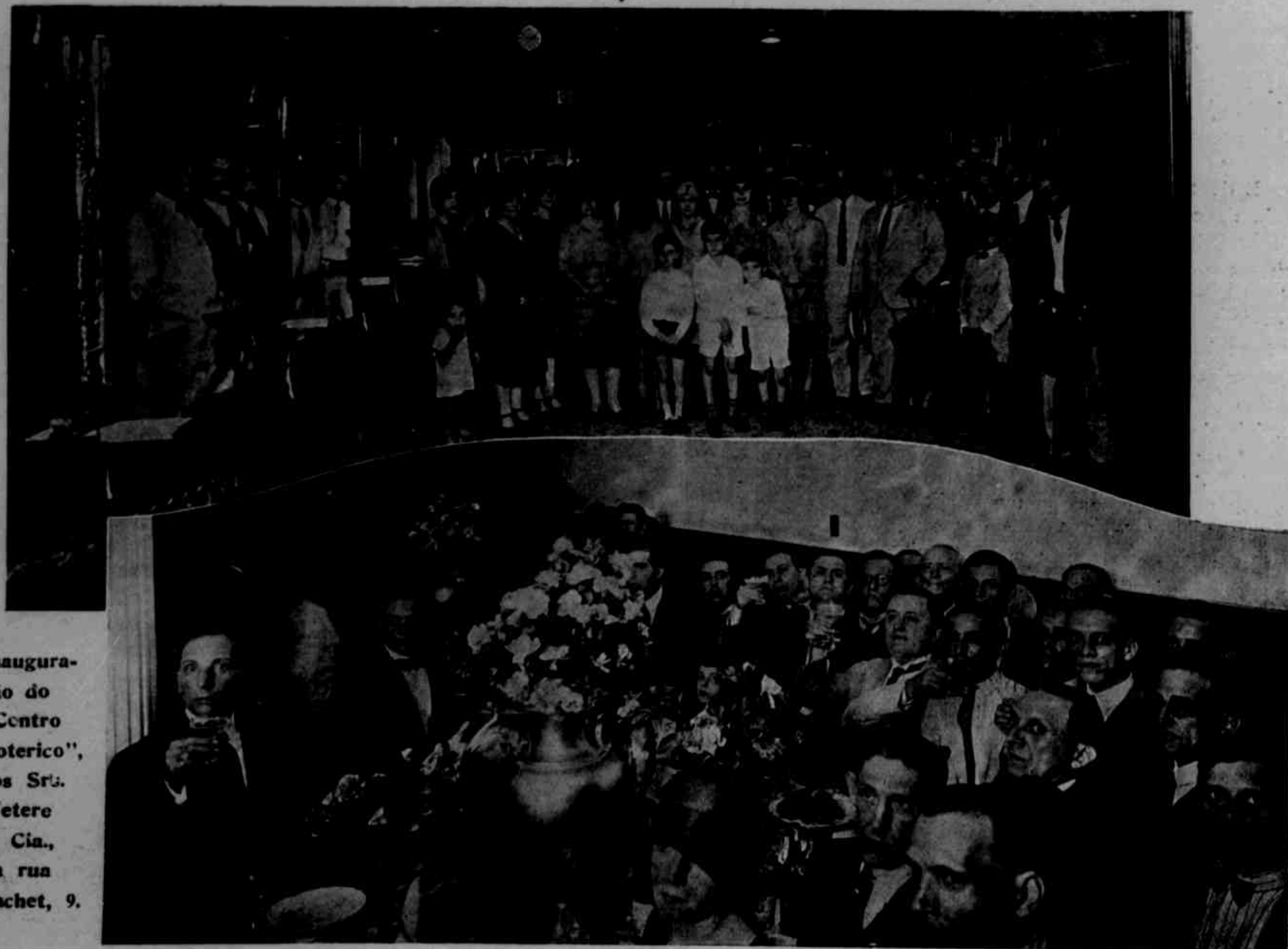
As arvores, tiritantes, embrulharam-se
no capote cinzento da neblina...
Agora o vento que gagueja confidencias
tem a suavidade de uma caricia feminina...

Uma coruja, ironica e sentimental,
fez cocegas na noite.
E a noite estremeceu toda com medo
da louca vagabunda do silencio,
a paranoica hysterica do arvoredo...

Antigamente, quando a chuva cahia,
eu sentia uma vontade ingenua de chorar...
Depois, ás vezes, sem saber porque, sorria...
Sorria ingenuamente
apenas pelo gosto de sorrir...

Quando a chuva cahia, antigamente,
como era bom a gente ver a agua cahir !...

Luis Martins

Inauguração do "Centro Loterico", dos Srs. Vetere & Cia., na rua Sachet, 9.

Myriam Antunes
Manoel Gusmão

Enlaces

Maria de Lourdes Pires da Rocha — Lycurgo Portocarrero Velloso
Grupo feito momentos antes dos noivos embarcarem para Petropolis.

Belmira de Almeida
Comediante em férias

Censura que devia ser cortada

MARIO NUNES

O THEATRO é assaltado por males periodicos, verdadeiras pragas, contra as quaes nada se póde. A mais damninha, sem duvida, é a censura policial, que não é exercida pela intelligencia, mas pelo criterio estreito de cerebros obcecados pela idéa dos delictos e contravenções, e pela caça a delinquentes e contraventores.

Depois de um periodo de relativa liberdade, volta a censura á repressão exaggerada, cortando toda e qualquer allusão a factos e figuras politicas e as phrases maliciosas, como se tivessemos, todos, de andar de agora em deante, envolvidos em longas tunicas virginaes, com um parzinho de azas pregado ás costas, para gaudio do Dr. Mello Mattos... A revista, genero alegre, que em toda a parte do mundo sempre viveu da troça irreverente a personalidades em destaque, do sal e da pimenta, no Brasil tem de ser qualquer cousa assim como um oratorio ou uma missa cantada, de uma insipidez absoluta, que ninguem supportará.

E' a sua morte e, na verdade, ella agonisa, nos dois unicos theatros que ainda a exhibem. A cidade não tem divertimentos e muito embora queira o Prefeito, patrioticamente, impôl-a como centro de turismo, nunca attrairá visitantes, por estar se tornando, cada vez mais, a capital, por excellencia, do tédio. Assim o querem as autoridades policiaes, de idéas e maneiras provincianas, e assim ha de ser porque o Rio de Janeiro só conhece um poder, tyrannico e autoritario — o da policia. E tanto isso é verdade que, tendo o Dr. Washington Luis, com seu espirito liberal, consentido que o caricaturassem no theatro, resolveu o Dr. Coriolano de Góes não admittir semelhante cousa, e prevalece a vontade do Dr. Coriolano de Góes!

Mas será, mesmo, a vontade do Dr. Coriolano de Góes? E' o censor quem o affirma; todavia a impressão que tenho é a de que, havendo recebido instrucções pouco elasticas, o Dr. Gilberto de Andrade haja se enchido de receios e, com medo de desagradar a seus chefes, tenha tomado, por conta propria, medidas rigorosas. E a prova que já anda apavorado o facto de investir até contra fantasmas, como o demonstram as amputações que tem feito.

A Companhia Margarida Max dissolve-se amanhã. A do Recreio periclita, e é bem possivel que desappareça tambem. E' aliás, a attitude a assumir pelas emprezas, cansadas de lutar contra entraves que as autoridades federaes e municipaes oppõem ao funccionamento dos theatros.

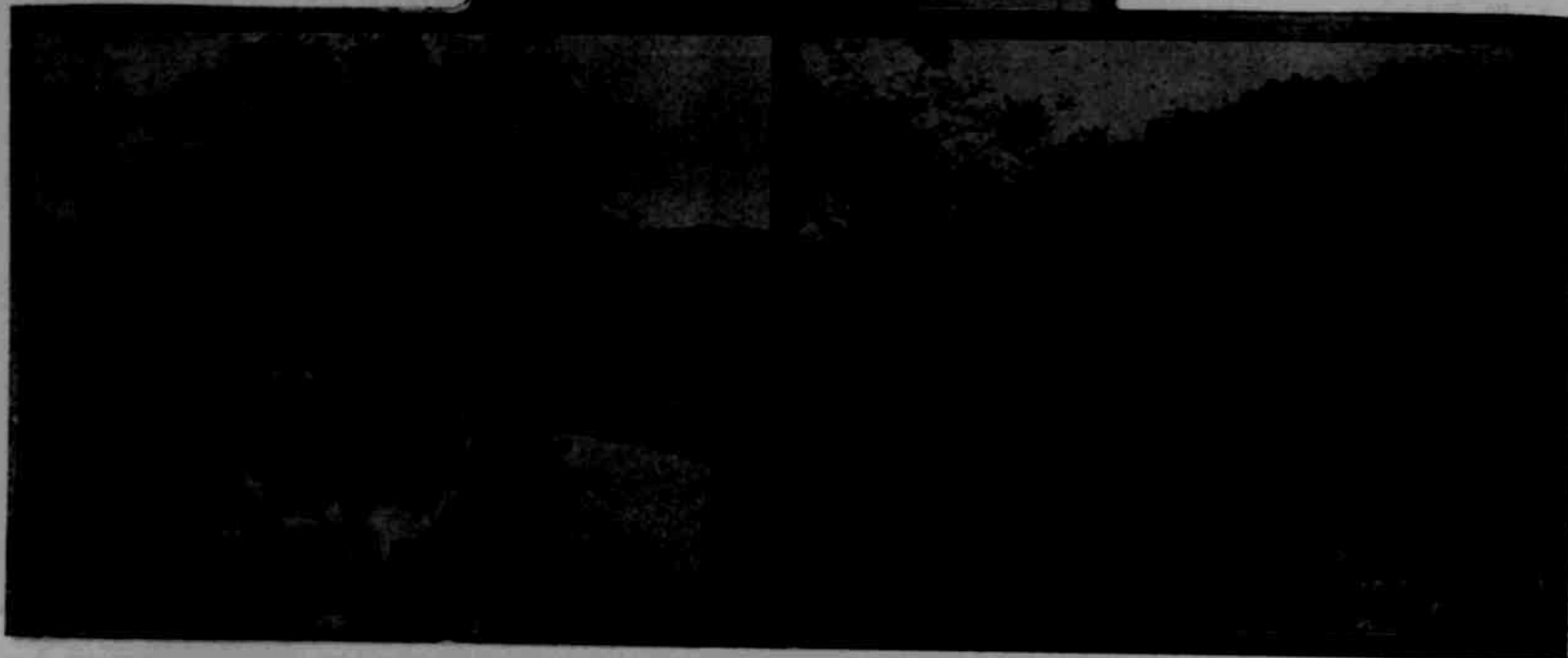
A cidade não terá — já não as tem — diversões, mas, em compensação ostenta lindos panoramas, arroxeados ocasos que contemplaremos suspirosos, com olhos ternos e languidos...

E quem gostar de se divertir que se expatrie. Buenos Aires, centro de civilisação e de cultura, fica a tres dias de viagem...

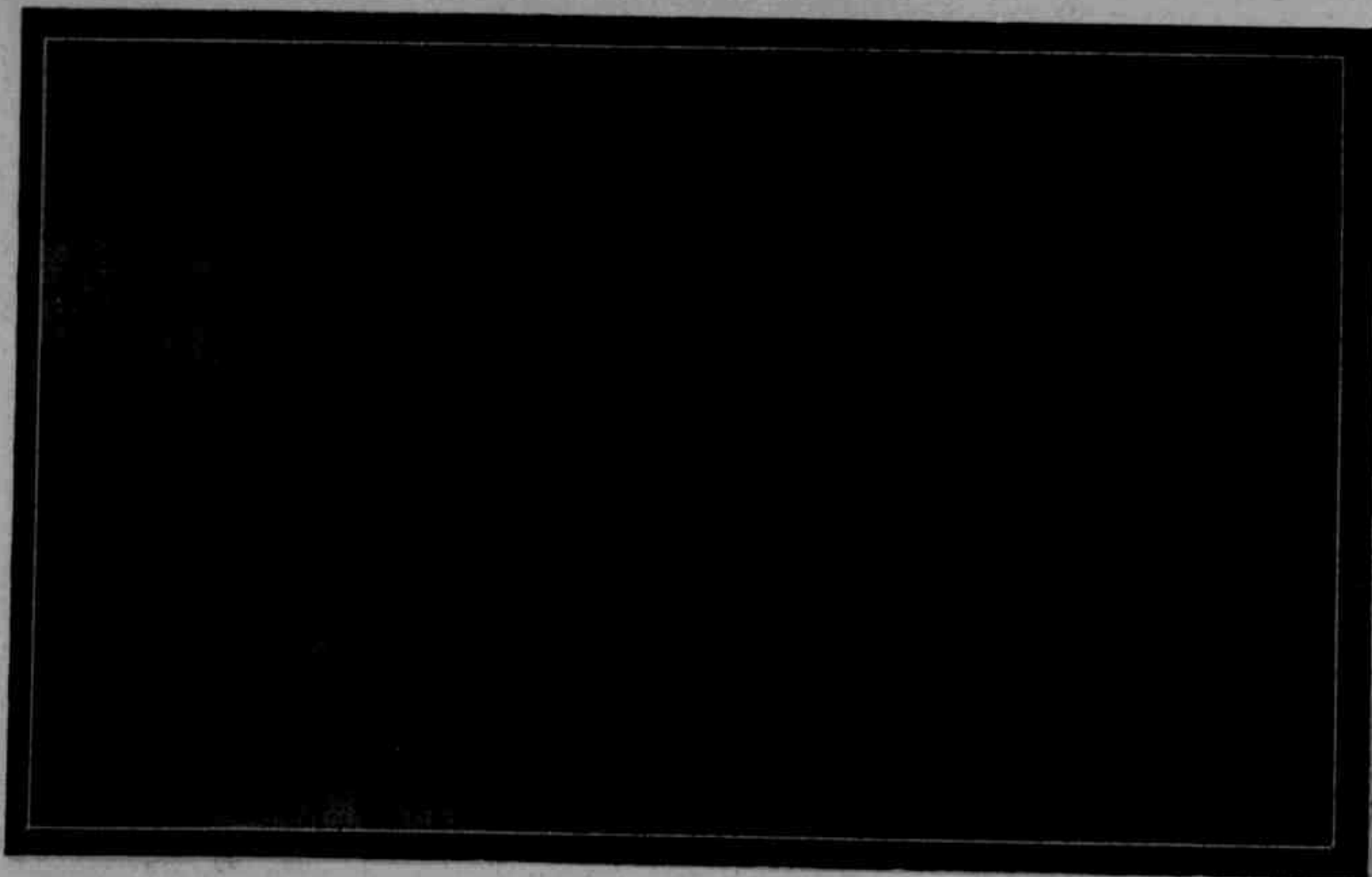
— Banquete ?
— E' verdade, meu velho. Recordar é viver. Essa lata vasia guardou outr'ora varios metros de linguiça.

(Desenho de J. Carlos)

Paysagens Fluminenses

EFFEITOS DE SOL

NO CAMPO

O ENGENHO

CAMINHO DO VELHO AÇUDE

PHOTOS DE A. MATTOS

NO PASSEIO PUBLICO

SOL DA MANHÃ

ENSEADA DE BOTAFOGO

PHOTOS DE A. MATTOS

NA TERRA CARIOCA

De Bellas Artes

A architectura na China, Japão e Coréa póde ser classificada em dois grandes grupos: 1º, edificios de caracter monumental e duradouro; 2º, edificios executados com materiaes leves e de facil destruição. Entre os primeiros estão as muralhas e recintos da China e da Coréa, feitos com apparelho irregular de pedras nos quaes se abrem portas baixas.

Estas são dominadas por altas torres de numerosos andares, parecendo fortificações de telhados superpostos e de feitio arrebitado.

As edificações do 2º grupo são em geral feitas de madeira, obedecendo ao rebuscado estylo quasi miniaturista desses povos. Os paus são lavrados e conservados nas suas cores naturaes ou cobertos de laccas e chapeados de metaes. Essas habitações são de uma riqueza decorativa levada ao extremo, e, as vezes, tão extravagantes, que o espirito do observador se perde deante da mais accentuada fórma do incomprehensivel.

Nessas decorações, tanto na China como no Japão, os dragões, fantasticos são caracteristicos bem como a combinação de plantas, arvores, animaes e personagens, formando tudo isso um conjuncto estranhamente formoso.

O material empregado é, de preferencia, a madeira, o tijolo ou o ladrilho. Assim, exceptuando a "grande Muralha" (II seculo — antes de J. Ch. —), que é de pedra, as construcções mais antigas da China não vão além do seculo XI da éra christã.

Os japonezes attingiram maior aprefeiçoamento, a ponto de reproduzirem a natureza quasi photographicamente.

Auxiliam poderosamente sua architectura as porcelanas finas, a ceramica de uma vitrificação notavel, tapetes, biombos, paraventos de papel ou de lacca, de seda, couro e junco, bronzes e cinzeladuras artisticas, trabalhos de junco e bambú, armas, utensilios, emfim, uma multidão de pequenas cousas interessantes e decorativas.

ANIBAL MATTOS

Plaquette Paulo Boneschi
Estudo para uma medalha

Plaquette da Radio Sociedade
Plaquette Santos Dumont

Trabalhos de Adalberto Mattos

Do Rio a Hollywood...

Foi um bilhete da **LOTERIA FEDERAL**

Fay Wray mandou buscar para a arvore que armou em sua casa...

500 contos por 48$000, apenas...

De Elegancia

Foi no seu gabinete de trabalho que tive occasião de entrevistar o sr. Medeiros e Albuquerque sobre a elegancia masculina e a moda feminina. Passando, porém, por um corredor immenso, de alto a baixo cheio de estantes com livros, entrando nesse gabinete, todo elle cercado de estantes altissimas pesadas de livros, já começavamos, a ter acanhamento de falar de um assumpto frivolo diante de todos esses volumes. Parecia-nos que, sua mudez, elles me censuravam.

Medeiros acudiu, porém, a essa reflexão, garantindo-me que muitos daquelles livros nada tinham de graves.

— Mas de certo, nenhum se occupa com a elegancia.

— E' um engano. Aqui está, por exemplo, a obra de Engéne Marsan — *Savoir vivre en France et savoir s'habiller*... E mostrou-me outros. Havia pelo menos oito ou dez.

Repondo-os nas estantes, Medeiros continuou.

— D'antes eram usados uns exercicios, que se chamavam de cacografia. Davam-se aos alumnos trechos cheios de erros e mandava-se que elles os corrigissem. E' um mau systema. Mas para o meu caso valia a pena resuscital-o, publicando o meu retrato de corpo inteiro, ensandwichado entre dois disticos. Em baixo: "*ser elegante é não ser como este typo.*" E em cima: "*Como não se deve ser.*" Isso valeria mais que todas as entrevistas.

Mas deante da minha insistencia Medeiros e Albuquerque sempre se resolveu a conversar um pouco sobre o assumpto e disse-me varias cousas interessantes.

Uma concerne o Congresso. D'antes, neste, pouca gente se vestia com apuro. E sobre estes havia sempre uma série de tróças, de gracejos. Assim, por exemplo, Augusto Montenegro, que foi depois governador do Pará, tinha fama de não repetir nunca nenhuma gravata. Fizeram-lhe muitos versos humoristicos. De um triolet eu me lembro o final: "Gravatas não são idéas." Mas o notavel é que todos os que então se vestiam com esmero: Rivadavia Corrêa, Augusto Montenegro, Estacio Coimbra, Wanderley de Mendonça (que acabou depois em Paris tão infelizmente), Arthur Bernardes e outros chegaram a altas posições de destaque.

Sr. Medeiros e Albuquerque

— Acredita que a elegancia influisse nisso?

— Não influiu directamente. Mas a elegancia era já o signal de que se tratava de gente cuidadosa, tanto de si como de outras cousas. No emtanto, o ser elegante, o ter certo apuro no vestuario suscitava sempre criticas: parecia um diploma de futilidade. Hoje isso já não é mais exacto. Veja mesmo que não só o Presidente actual da Republica, como os dois mais cotados candidatos á sua successão sabem vestir-se.

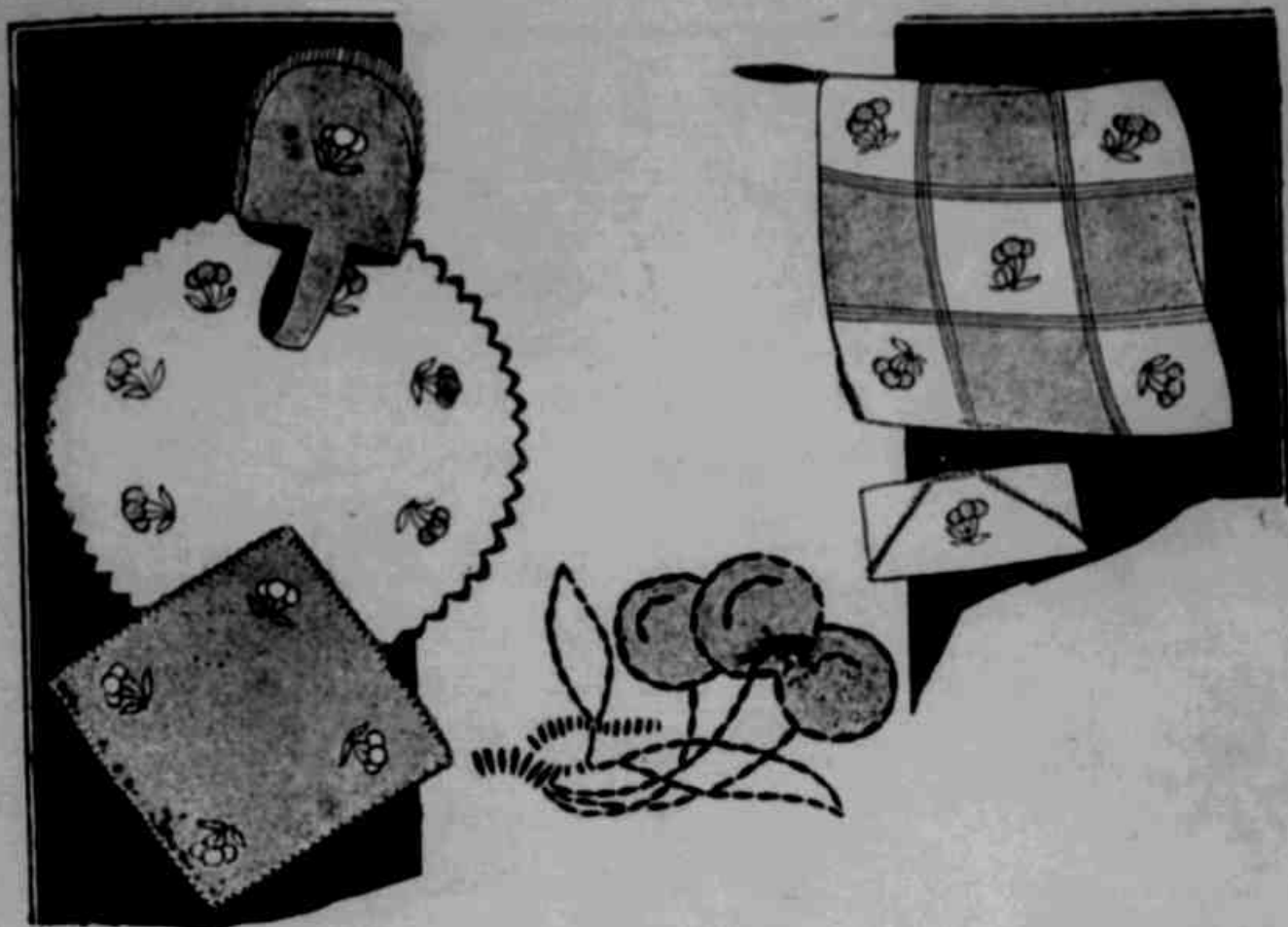
— E não é assim em toda parte?

— Não. Nos Estados-Unidos, por exemplo, o Prefeito de New-York, que é um homem encantador, é celebre pela sua preoccupação de bem trajar. O simples fato de que lá se diga ser elle o prefeito que melhor se veste, mostra que o seu caso não é corrente.

— Mas a moda masculina americana não é apurada?

— Não. A capital da elegancia masculina ainda é Londres. Sua alta sociedade é que dá a nota. Só mesmo aqui foi que uns vagos patetas se lembraram de copiar as calças larguissimas, que os norte-americanos quizeram pôr em voga. Eram de um máo gosto tão brutal, que ninguem as adoptou.

Como a nossa conversa se prolongasse, Medeiros e Albuquerque me fez vêr a evolução curiosa que soffreu entre nós a secção que quasi todos os jornaes dedicam á moda e ás elegancias. Quem a instituiu foi um velho funccionario publico, já tropego, já arrastando os pés, excessivamente miope, assi-

gnando-se *Souvenir*. Dava todos os dias a descripção minuciosa das toilettes que passavam pela rua do Ouvidor, o que só mais tarde se soube ser feito por uma grande modista desse tempo: Madame Dreyfus. Depois houve Figueiredo Pimentel. Depois passou uma phase de absoluta diotica. Hoje, porém, é uma das mais bem feitas no nosso jornalismo. Tem a seu serviço alguns dos nossos melhores escriptores. *No Jornal do Commercio* é o excellente escriptor do *Registo*, em outros é D. Maria Eugenia Celso, é D. Iracema Villela, é Olegario Mariano. Não ha exaggero algum em dizer que é actualmente uma das melhores secções do nosso jornalismo.

— Mas não me disse nada sobre as modas femininas. E' tambem dos que censuram a sua grande variabilidade?

— Eu acho que só podem censurar essa variabilidade os imbecis e... os maridos que teem de pagar as notas das costureiras. Porque a moda serve para nos mostrar os varios aspectos que pode assumir a belleza feminina. Para experimentar um corpo chimico, que é o que se faz? Os chimicos o submettem a varios reagentes. E' o que faz a moda com as mulheres. A moda institue uma serie de experiencias com a belleza feminina. Cada moda nos diz: "Veja como Ella (a Ella que a estiver vestindo) pode ser tambem bonita desta maneira!" E, assim, quem tem uma só mulher póde com ella fazer um harem: ter dez, ter cem mulheres differentes... Viva a Moda!

E foi com este gracejo que Medeiros e Albuquerque pôs fim a nossa conversa.

Os figurinos de hoje: vestidos de "soirée" e o desenho de cerejas para serem applicadas ou bordadas em guardanapos, roupas de creanças, almofadas, etc.

Chamo a attenção das leitoras para os numerosos modelos de vestidos e chapéos que a "Casa Leblon" acaba de receber de Paris.

SORCIÈRE

Melhor que a estrangeira

Senhorita Maria Marques
Rainha do São Bento F. B. Club
de Itapecerica, Minas.

Caquinhos

No tempo em que eu escrevia cousas tristes, vivia mais alegre. Então, eu escrevia para fazer contraste com a monotonia sem sal da felicidade continua.

A gente enjôa até de ser feliz.

Hoje, tudo mudou. Inclusive a morena de olhos que sorriam — a visinha mais encantadora que eu tive, mudou-se para a terra da garôa, indo morar na fazenda de um tio rico.

Na despedida, eu disse á morena que acabava sendo vaqueiro por causa della. Ella sorriu e cerrou as pupillas com a franja negra dos cilios longos. Quando abriu de novo os olhos, estava contente contente...

Pegou nas minhas mãos, e me disse:

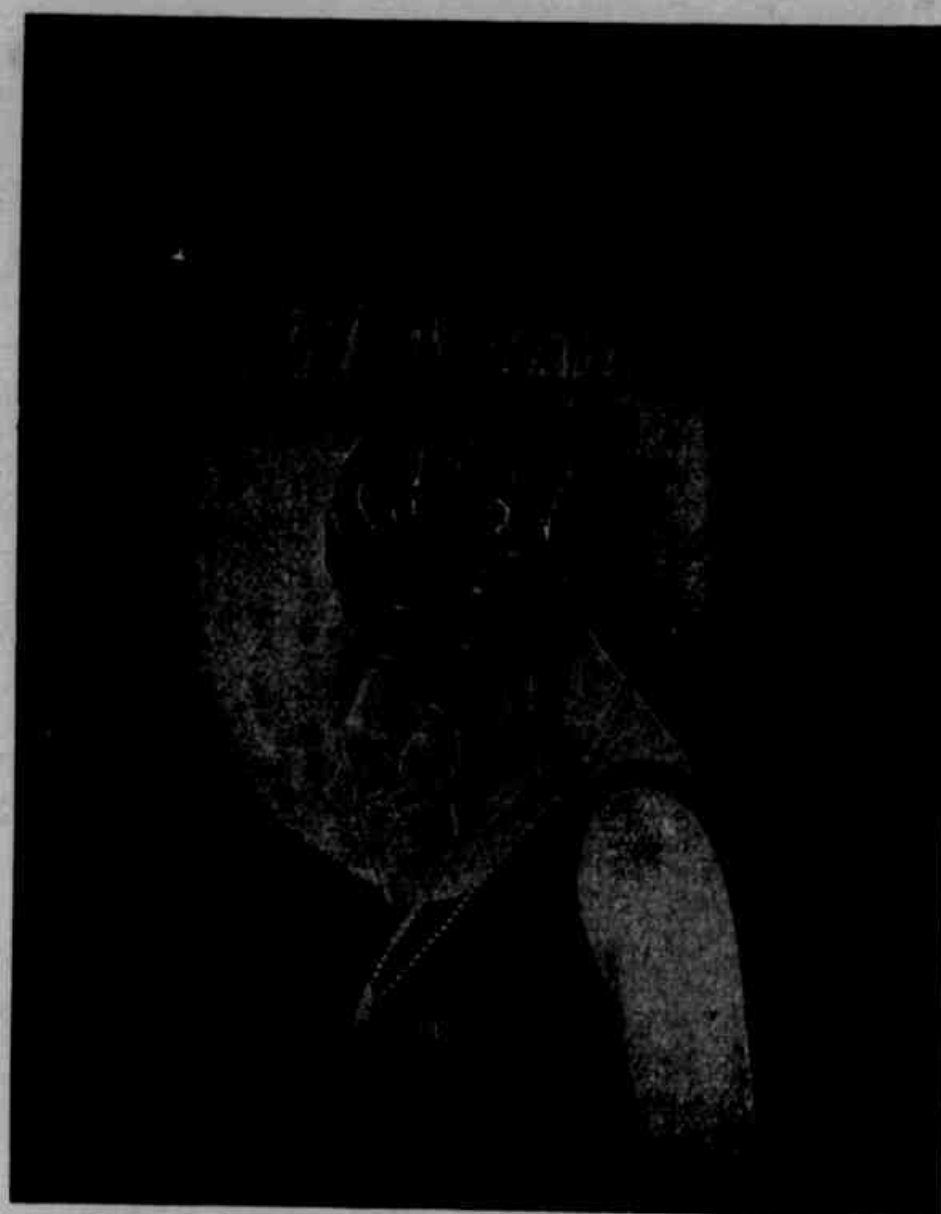
— Você era capaz de fazer isso? !...

Deante de tanto enthusiasmo, eu me enthusiasmei tambem:

— Ora, meu bem! Eu era capaz até de me casar com você !...

■

Nunca pensei que as mulheres fossem tão prespicazes. Não é que a morena desconfiou que eu estava com o olho nos milhões do tio della que tem uma fazenda na terra da garôa? !...

MATTOS ALÉM

O UNICO PÓ DE ARROZ
Em cada caixa um finissimo
"ROUGE"

O Rebellado

(Continuação da pag. nº. 5)

ra, rezou o Padre Nosso em intenção do velho, emquanto crepitavam, reduzindo-se a cinzas, as folhas amarellecidas. E ficou mais calmo.

Algum tempo depois o pobre homem se apercebeu que dentro de um livro do morto, que conservára, porque nelle havia umas figuras, e que, desde muito não folheava, haviam ficado esquecidas algumas paginas escriptas.

O guia não teve coragem de queimar tambem isso. Mas embrulhou tudo, livro e escriptos, num mesmo pacote e o sumiu num fundo gavetão.

De vez em quando, porém, a lembrança daquelle guardado o sobresaltava e elle bem queria se desfazer da reliquia.

Foi para o que eu servi; tendo-me elle visto naquelles dias ultimos, lembrára-se do seu velho patrão. Os meus passeios solitarios, as minhas longas contemplações de horizontes longinquos ou de aguas que corriam cantando, tudo lhe trouxera á memoria outros passeios e outras contemplações; e pensou dar-me o pequeno volume.

E nessa tarde, tendo sabido no Hotel que eu ia partir no dia seguinte, encontrára o animo que lhe havia faltado até então; abordára-me, contára-me a historia do solitario estrangeiro, que fugira do mundo, e perguntára-me se eu queria acceitar o volume.

E, assim falando, tirou do fundo do bolso do casaco um pequeno pacote feito de jornal.

Eu acceitei, pressuroso, a offerta, agradecendo ao narrador singelo a historia e o presente; e, como houvesse quasi anoitecido e ali mesmo não pudesse eu satisfazer a intensa curiosidade, fui logo para o quarto, onde desfiz o pequeno embrulho.

O volume era uma velha edição já muito lida do livro da "Imitação", com vinhetas gravadas em madeira, e o escripto, que a custo pude decifrar, pois que a letra era meuda e fina, e a tinta clara e quasi apagada, continha a extraordinaria narração que se vae ler.

■

"Esta é a visão do meu fim, do fim que eu não quiz ter.

No grande leito, em meio do quarto que illumina mal o vão de uma janella de onde um sombrio velario pende, humana creatura vive seus ultimos momentos.

Sobre os travesseiros onde se percebe a impressão da longa permanencia de uma cabeça pesada, se desenhavam as linhas de um perfil soffredor.

A morte, que quasi já tem a presa, começava a traduzir-se na lividez do rosto, onde os olhos afundam e as pomas faciaes se elevam, na finura das mãos pousadas sobre a coberta branca, descarnadas, quasi uns feixes de ossos que as pelles enrugadas mantinham contra a dispersão. Mas, no brilho do olhar e na curva dos labios descorados, a vida se accusa ainda e persiste.

E o moribundo falava. Em torno delle pessoas escutam, concentradas, parentes, amigos; uns debruçados sobre o leito, outros, de pé aos pés da cama, todos na dolorosa expectativa do trespasse proximo, assistindo compungidos, a reproducção do mysterio da morte.

E no silencio do aposento, morno e sombrio, um fio de voz, brando e regular, como o escoar subtil e limitado da areia na ampulheta, é o só que se escuta.

Todos se admiram daquella quasi postuma loquacidade em creatura que tanto amou a solidão e o silencio. Parecia que ella dizia agora cousas em que havia pensado e repensado, e que á força de terem sido ditas para dentro, sahiam-lhe dos labios sem esforço, machinalmente, sem impressão, como se fosse o proprio pensamento que se estivesse fazendo escutar.

E o fio de voz continuava:

...quanto a bens de fortuna não tenho outras cousas que dizer; o que deixo não é muito, é mesmo pouco, mas é o bastante para poder fazer com que meus herdeiros amanhã se malquistem, e, apezar do amor que hoje os une, façam, uns contra os outros, as maiores crueldades. O interesse adormece a razão e desperta o instincto, e o homem entregue ás inspirações do instincto é o menos racional dos animaes. Não seriam conselhos nem disposições testamentarias que evitariam a conflagração; e, depois, estou mesmo convencido que é muito fallivel a presunçosa perspicacia dos testadores que acreditam assentar, com suas determinações arithmeticas, a harmonia das familias e a prosperidade das proles. Para impedir a lucta que a partilha dos bens herdados póde fazer desencadear, é preciso, não tanto que os herdeiros tenham o sentimento de respeito para com o direito dos outros, como, principalmente, se convençam do pouco que o dinheiro vale para a felicidade humana. Não posso aqui dizer quanto desejaria sobre a felicidade humana, já estão correndo os minutos da minha ultima hora e ha cousas de maior conveniencia a serem ditas por mim. Basta que se accentue, que os bens de fortuna, além de um certo limite indispensavel, não influem na ventura, primeiro, porque só raramente a ventura se encontra, segundo, porque ella só depende de nós mesmos, da nossa faculdade interior de nos despreoccuparmos da miseria humana. Póde, pois, na pobreza haver a ventura, que é a conformação perfeita com a vida que se tem, que se póde ter.

Eu nunca fui feliz, porque ardia no desejo de uma vida melhor ou differente, que nunca chegou. O ideal é o inimigo da ventura. E eu poderia ter sido feliz, porque muito trecho de minha vida houve em que eu poderia ter gosado da ventura, se o estado de meu espirito me deixasse aperceber da bondade do presente. Por desgraça, porém, só depois de passados, na ressurreição da vida, que é a saudade, é que eu pude verificar que tinham sido bons esses dias e que nada, senão a consciencia de que o eram realmente, me faltou para ter sido feliz. Ora, se eu não pude ser feliz com tudo quanto hoje deixo, não é com uma parte disso que os meus herdeiros vão encontrar a ventura. Não saberia, pois, como dividir o peculio e attribuir as suas parcellas. A lei impessoal e o sentimento de meus herdeiros que resolvam. E passo adiante.

Não quero pompas funebres nem ornamentações de luto. Apenas o que fôr indispensavel para o enterramento: um caixão, um carro. E no caixão, no leito em que poderei afinal dormir o somno sem o sobresalto do amanhecer, estarei bem, asseguro. Na clarividencia destes momentos, em que me estão vindo á flor dos labios pelo remoinho final da consciencia, idéas e suggestões, vejo, e posso ler paginas e conceitos de que, de tanto os ter lido, tenho gravado na memoria. Lembro-me de que "Mon Oncle Benjamin" dizia "a morte não é sómente o fim da vida é tambem o remedio della. Em parte alguma se está tão bem como num caixão de defunto... é só roupa que não nos incommoda".

Para esperar a hora da viagem colloquem meu caixão sobre minha mesa de estudo, em meu gabinete, tendo em torno meus livros e papeis. Debruçado nessa mesa passei a maior parte dos meus dias, no goso da leitura ou no afan de crear; nesse recinto frui os meus momentos de real e mais vivo prazer. E sobre essa mesa outra vida tambem se passou, cuja figura se apagou de meus olhos nos primeiros annos de minha consciencia, mas de quem a dôr de a ter perdido me acompanhou sempre, bemfazejamente, através da vida, como a saudade de um bem que eu quereria ter tido.

Não chorem minha morte; penso que o philosopho tinha razão quando proclamou que é quando nasce que o homem deve ser chorado...

O nascimento é que abre para o homem uma perspectiva de soffrimentos pela qual elle deve ser lastimado. A morte é o termo dessa peregrinação. Vou descansar. Devem regosijar-se os que me amam. Nem as lagrimas e o desespero, que a perda de um ente amado desperta, nos outros, vêm as mais das vezes, realmente, por intenção do

que morre. Bem por certo, os que choram acreditam sinceramente que choram o morto, mas, á parte o irreprimivel abalo que o espectaculo da agonia e o mysterio da morte trazem aos mortaes que ficam, abalo que, physica e mecanicamente, se traduz no pranto e na convulsão, o desespero e a dôr que se manifestam em taes casos são, principalmente, explosões, quero crer que inconscientes, de puro sentimento egoista.

Na generosidade, o que nos dóe na morte de alguem é, quasi sempre a falta que o morto nos vae fazer, é a perspectiva do reflexo nefasto que o facto possa ter em nossa vida. Não choramos por elle senão por nós mesmos... E a prova é que nenhum abalo nos causa a morte, por mais triste e dolorosa que seja, das pessoas estranhas. Se a dôr que nos causa a morte de alguem fosse pura consciencia da magua e da pena de ver esse alguem deixar de viver, por elle, pelo que elle com isso perdesse, a morte de qualquer pessoa nos devia causar um certo abalo. Entretanto, somos a isso perfeitamente indifferentes; ás vezes, uma exclamação de dó, um movimento de piedade, e é tudo.

Comprehendo que se chore aquelle que vivia para o beneficio do proximo, pois que essa morte vae marcar a cessação desse beneficio. Mas não chorem a mim que nenhuma falta vou fazer, morrendo. Mesmo porque eu fui peor do que se pensa. O homem nunca é tão bom como parece. Primeiro, a maior parte do bem que elle faz, ou é levado a fazel-o por circumstancias irresistiveis, o que lhe tira todo o merito, ou o faz por sua propria satisfação, o que lhe não dá merito. E depois, de quanto se faz de máo e censuravel só uma pequena parte se torna conhecida. Ha as faltas, e mesmo os crimes que morrem no fundo das consciencias ou no segredo das cumplicidades e das discreções generosas; ha as intenções perversas, os pensamentos máos, que morrem na covardia ou na falta de opportunidade de se traduzirem em acção.

A approximação da morte me deveria fazer encarar os homens com mais piedade ou generosidade; não posso, entretanto, calar o triste juizo que formo delles. Eu os creio capazes das maiores abjecções; na incerteza da impunidade, que cobre nove decimos dos actos criminosos, e graças á elasticidade que o proprio homem vae dando ao campo da moral, em prejuizo da acção repressiva da sociedade, raro é o homem que poderá supportar, sobranceiro, um superficial exame de consciencia. Não sou severo demais; pelo contrario, o conhecimento da fraqueza humana me levou a julgar os homens com uma grande indulgencia. Julgo os outros por mim. Eu, que passo por bom, honesto e generoso, eu não me posso lembrar de certos actos de minha vida, de certas cousas em que pensei e que desejei, sem procurar esconder de mim mesmo o rubor de meu rosto.

Eu fui peor do que pareço e, se me não confranjo nem enrubeço agora, pensando no que fiz de máo, tanto por pensamentos como por actos, é porque tanto me arrependi do que fiz, tanto me torturei e soffri disso, que ora tenho a consciencia alliviada.

Não chorem, pois, minha morte, e meu desejo seria que pouco tivessem que se preoccupar com meus despojos. Quereria que meu corpo fosse desde logo, reduzido á cinzas e essas entregues ao vento. A sepultura responde á um culto que só a saudade alimenta e tudo na vida conspira contra a lembrança dos mortos. Vêde, num cemiterio, quão pequeno é o numero de sepulturas que uma saudosa piedade adorna e entretém. A generalidade dellas se ennegrece ao tempo, á mingua de cuidado, e se gasta sem que ao menos um apressado olhar venha pousar, de tempos a tempos, sobre as inscripções que, dias atraz, uma sincera ternura havia ditado. Quasi que só se salvam as sepulturas dos que deixaram paes, principalmente mães. Um cemiterio demonstra que o maior amor é dos paes, e ahi ha ainda egoismo, porque o filho é um pedaço de nós; assim mesmo, na parte reservada ás creanças, quanto abandono; é que em relação aos mortos, eternamente ausentes, que não tem meios de se fazerem llmbrados, tudo leva ao esquecimento. Não quer isso dizer que eu desejaria que o soffrimento agudo da perda de um

ente amado fosse longo e perduravel, quando não eterno. Seria isso dolorosamente insupportavel e é feliz para o homem que o tempo acalme a exaltação. O primeiro choque e o esquecimento o restitua á normalidade de seus sentimentos. Simplesmente, isso, que a justa apreciação das cousas me faz reconhecer como explicavel e razoavel, em cada caso particular offende um: como especie de amor proprio postumo. Uma sepultura em abandono é prova material do esquecimento do morto e, se, porventura, no que felizmente não creio, depois da morte "memoria desta vida se consente" deve ser doloroso aos trespassados o terem, permanente e palpavel, a prova do como e quão cedo foram esquecidos.

A mim não são taes preoccupações que me detêm neste assumpto. Eu tambem esqueci os meus mortos; não posso esperar nem querer que me tratem de diverso modo.

E isso é humano. Não querendo a sepultura procuro eliminar dos meus um motivo de preoccupação. De vez em quando a gente se lembra que ha num canto da cidade uma lousa e uns vasos, a que certo dever piedoso nos deveria trazer mais attento e um certo remorso nos confrange. Quizera, pois, que meu corpo fosse feito cinza.

Mas, não sendo aqui materialmente possivel a realisação deste desejo, desde já condescendo com o preconceito e deixo que me sepultem. Não renovem, porém, o meu jazigo, findo o prazo que os regulamentos marcam para a obra da destruição. Não se preoccupem com meus ossos. Deixem que sigam o destino anonymo dos detritos da natureza.

O homem não tem o direito de se querer perpetuar na materialisação de um tumulo, e de impôr aos posteros o dever de se occupar com elle. A nossa sobrevivencia é no coração, quando não só na memoria dos que ficam. Felizes os que pódem fruir dessa gloria, reflexo do que puderam fazer de bom, de util ou de bello.

Sinto-me cada vez mais fraco e percebo que não poderei continuar por muito tempo. Lamento, porque tenho gosado de um verdadeiro prazer dizendo estas cousas, em que tanto tenho pensado, e que só a singularidade desta ultima hora me poderia ter dado o animo para, tão sinceramente, as dizer. Eu tinha ainda muito que falar. Não posso.

Ao contrario do que, depois de uma vida de renuncia e pobresa o fez Santa Clara, de Assis, "plantala beatissimi patris Francisci", não me sinto, morrendo, no dever de agradecer a Deus o favor de me haver creado.

A' força ignota que preside a co-existencia dos sêres, na successão da vida e da morte, não saberei confessar a minha gratidão por me haver feito nascer e viver, eu, que se uma inscripção quizesse em meu tumulo, outra não queria senão aquelle versiculo de Job: "Morresse o dia em que nasci e a noite em que foi dito: uma creatura foi concebida". Se alguma cousa devo agradecer á natureza, que me creou e me manteve vivo até agora, é o privilegio de me não haver feito morrer a razão antes do corpo e me ter permittido a enunciação, quasi postuma, destes conceitos a que o mais completo desinteresse de tudo poude tornar inteiramente sinceros.

Essa feliz circumstancia me dispensou de haver feito, como Renan, em plena vitalidade do espirito, renuncia antecipada dos actos contraditorios, das blasphemias que a debilidade dos ultimos momentos me pudesse levar a fazer..."

Estas ultimas palavras do moribundo já foram ditas muito pausadamente e com esforço. Após um rapido silencio os labios descorados se agitaram ainda e, quasi como um sopro, estas palavras foram ainda percebidas:

"Agradeço por isso á natureza creadora e anniquiladora. Vou repousar; a morte não é mais que um somno de que se não desperta.. Quizera ouvir musica. Já não posso mais pensar; e o pensamento foi o maior goso de minha vida. Feliz de mim que pude morrer, pensando alto. Afóra o pensamento a minha maior satisfação foi a musica. Ouvindo-a eu me dispensava de pensar: a harmonia me enchia o espirito. Um de vós que, calados, cercaes meu leito, ide tocar piano... Beethoven... Chopin... mas não a Marcha Funebre... Não tocareis por muito tempo..."

Calou-se velho, cujo corpo tinha já as extremidades frias e immoveis.

Os olhos brilhavam ainda de estranha scintillação, que concentrava todo o resto da vida.

Pela porta do aposento entravam agora, e tudo enchiam, suavemente, como ondas esparsas de um incenso harmonioso, os sons de um piano, de leve e dolorosamente, arrancados...

Passou-se um tempo indefinido, que ninguem poude avaliar qual foi.

Uma explosão de soluços, longamente contidos, e de exclamações dolorosas fez calar a musica...

O mysterio se tinha consumado."

■

Aqui termina o manuscripto, que não trazia nome, nem data. Abaixo da ultima pagina, com letra muito meuda e talvez eslripto mais tarde, havia uma nota que rezava assim:

"Convenho em que o meu moribundo falou de mais; mas esse doente sou eu, que ainda não tenho a razão enfraquecida pela meningite, nem a palavra presa pela dispnéa. Essas cousas que elle disse são as que eu quereria dizer no momento do trespasse.

A hypothese, que era improvavel, dada a contingencia da fragilidade organica do homem, tornou-se impossivel desde que, rebellado, eu desertei do mundo.

Longe dos que me conheceram e talvez, sinceramente, acreditassem que me queriam, vou morrer, só, ou entre estranhos, a quem nada tenho que dizer ou pedir.

Que me hão de enterrar, acredito, porque isso está nos habitos e na conveniencia delles."

Montreux, Dezembro, 1912.

NA AVENIDA (Entre duas moças)

— Psiu, psiu... Rosita ! Já não me conheces mais ?

— Confesso que não me lembro, sou pessima physionomista.

— Sou a Nitoclys, sua collega de turma, de 1920.

— !... como estás mudada ! Estás mais moça dez annos que naquella época. Eras franzina, anemica, e, hoje, estás robusta; tua pelle, então meio encarquilhada, com rugas prematuras, com manchas e espinhas, agora se ostenta tão assetinada que justifica plenamente o facto de eu não te haver reconhecido. Que clima maravilhoso desfructaste, por que alchimia conseguiste esta especie de rejuvenescimento ?

— A' parte a tua bondade, digo que não foi clima nem alchimia: foi méro acaso...

— ? !

— Deparou-se-me aos olhos, um dia, em determinada revista scientifica, uma communicação de certo medico francez, em que se consagrava o arsenico como o melhor agente therapeutico para as doenças da pelle, ao mesmo tempo que se aconselhava o mercurio como o mais poderoso depurativo do sangue.

— A que medico foste ?

— A nenhum. A fortuna trouxe-me ás mãos a noticia da existencia de um preparado, de cuja base chimica fazem parte justamente o mercurio e o arsenico, juntos a um outro, tambem recommendado — o iodureto de potassio. Tomei-o. Seu paladar é esplendido, visto que o correctivo é o mel de abelhas. Com tal composição, teria de ser, como é, o mais poderoso distribuidor do "spirocheta pallida". Foi esse preparado que realizou em mim o milagre que te causou extranheza.

— E' preparado nacional ?

— Sim E' o Elixir de Inhame.

CARICATURA DE UM LOGAR PEQUENO

(Prô Oliveira Ribeiro Neto)

E' um logarzinho pequenino,
aldeióla parada,
que vive dormindo o sôno gostoso
do não fazer nada.

Uma estrada empoeirada.
Cazinholas antigas de beiral,
pintadas de velhas pela mão do tempo.

A estrada é inerte e sonhadora.
As cazinholas não têm movimento.
No logarejo nem o vento quer ventar.

Não lembram nada.

De-longe-em-longe,
a lealdade rustica dum cabôclo,
cavalgando a paciencia dum pangaré,
passa riscando a estrada empoeirada.

De-perto-em-perto,
um tico-tico que não conhece istilingues
entôa um canto de filantropia:
"Minha-vida-é-assim-assim...
chocar ovos prô chupim..."

Não tem meninos na estrada empoeirada,
e o tico-tico continúa a recitar.

E o logarzinho pequenino,
a aldeióla parada,
continúa dormindo o sôno gostoso
do não fazer nada.

NOBREGA DE SIQUEIRA

A ESMOLA

Annunciar com estridulos clarins
A esmola que se deu
E' hypocrisia crassa !
Quando a esmola se dá,
Dá-se em segredo, sem que ninguem
saiba,
Porque a esmola quer dizer segredo
Que um coração piedoso diz a outro !

SOFFRER

Soffrer é a Lei da Vida.
E' pelo soffrimento
Que se adquire a experiencia sábia
Que analysa, que julga e que nos salva
De erros futuros e futuras faltas !

NICOLAU NABAS.

Florianopolis.

LEMBREI-ME DE VOCÊ...

Haydée,
não sei porque,
lembrei-me de você:
daquella franca amizade,
pura de verdade,
que eu lhe dedicava...
Não pense que lhe amava:
tinha por si uma amizade sã,
como se você fosse minha irmã ..
Como você foi ingrata,
duma ingratidão que mata !...
Só em pensar me sangra o coração...
Tambem você não póde ser a excepção
da regra geral;
póde, todo o mal,
o mesmo que rompeu nossa amizade,
foi ter você nascido moça da cidade...
....
Haydée,
não sei porque,
lembrei-me de você...

LUIZ DA COSTA AMARAL.

CHAPELARIA MARCONDES

Installada no luxuoso predio Casa das Arcadas á rua Quintino Bocayuva n. 48, S. Paulo, a Chapelaria Marcondes distingue-se entre as casas do genero, não só pelos finos artigos de sua especialidade, como principalmente pelo cunho de probidade e honradez que o seu distincto titular, Sr. Orestes Marcondes, soube imprimir-lhe.

Na Chapelaria Marcondes, de par com um bello sortimento de chapéos da acreditada marca Villela, encontra tambem, o freguez mais exigente, as melhores bengalas, guarda-chuvas e calçados.

HOROSCOPOS

Faz famosa astrologa, orientando-se pela data e logar de nascimento de cada pessoa. Todos pódem assim conhecer o seu futuro ! Escreva á Sra. Musset de Tort, Caixa Postal 2417 — Rio de Janeiro.

— E' mais proprio elle tirar o teu retrato, porque és a personificação estylisada desse mesmo barulho !...

■

No pequeno jardim que separa o edificio das aulas do da secretaria havia, agora, flagrantes para todos os gostos... Quatro ou cinco alumnas porfiavam, amontoadas umas sobre as outras, alcançar, primeiro, a torneira de agua que ali ha... Aqui era uma carinha cheia de brejeirice que fazia caretas á passagem da encarregada e ali, era uma outra menina que, uma machina photographica em mira, colhia um flagrante da collega. Junto a nós, tres alumnas, cheias de galões, conversavam:

— Não concordo com V. O professor é muito mais educado que a professora...

—E' porque cahiste nas graças delle..

E a terceira:

— Para mim tanto um como outro valem a mesma coisa..

E a primeira defendendo com calor, o seu ponto de vista:

— Incapaz de humilhar uma alumna. E no entanto suas recriminações são feitas de tal modo que a gente se envergonha...

— Por isso é que eu gosto da professora. Ella o que tem de dizer, diz mesmo sem rodeios..

Uma dellas, reparando que tudo ouviramos, avisando as outras, sorrindo, disse para nós:

— Estamos "lavando" roupa suja da casa...

■

O pateo da Escola Normal é um mostruario com mais vida e expressão do que os mostruarios mais lindos da cidade... Ali não se offerece aos olhos da gente a symphonia de côres que tanto nos impressiona no Instituto de Musica, porque só se vê o azul das saias em combinação com o branco das blusas do uniforme.

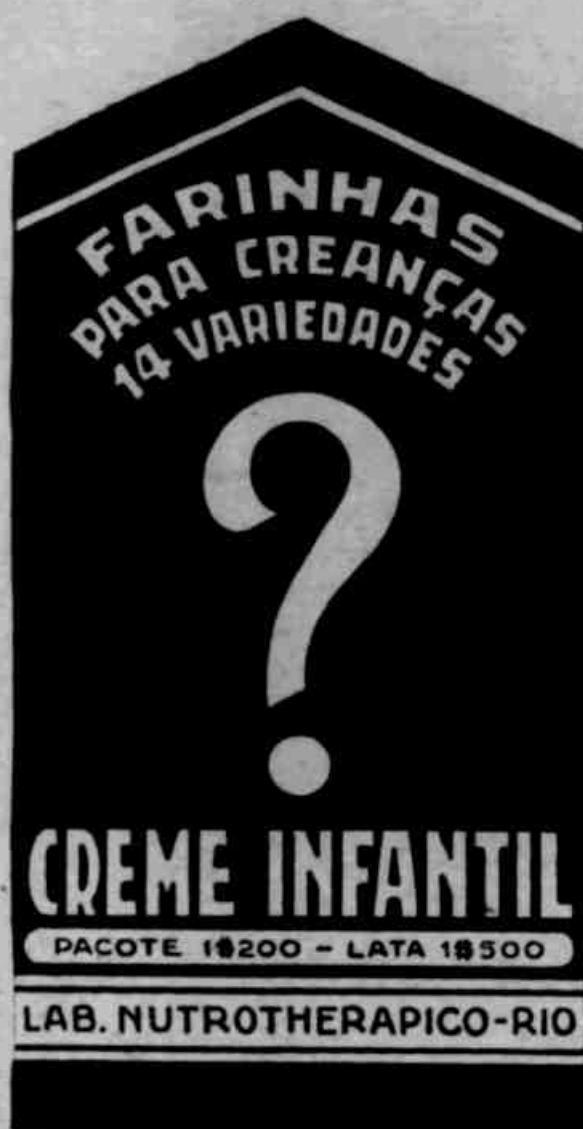
Mas em compensação ha figuras que fazem lembrar passos de dansa, olhos que fazem pensar em mundos que não se conhecem e vozes que recordam os instrumentos mais harmoniosos... Neste grupo que passa, vae uma creaturinha de andar indolente, entregue a si mesma como se dansasse um tango... Já a que acompanha tem os requebros de quem se entrega ao nervosismo de

A CASA FEIA DE GENTE BONITA

(CONCLUSÃO)

um maxixe. Em sentido contrario avança outra esbelta loirinha de olhos feiticeiros, langorosa e branda, como as valsas brandas...

A "mignon" quartannista sentada em nossa frente, falando, parece um rouxinol e a gorducha que com ella palestra é — perdôe-nos a irreverencia — um violino desafinado...

E, assim, o mostruario animado, ao invez de esperar que se vá admiral-o,

passa aos nossos olhos, na sua adoravel confusão e no seu gesto de bazar de contradições e paradoxos...

■

Ao fundo, um punhado de alumnas se comprime, as costas voltadas para nós, os olhos presos á parede.

— Medo de serem photographadas ?, perguntamos.

E uma professora, gentil:

— Estão lendo os boletins...

Junto dellas, ouvindo impressões:

— Upa !... Seis em portuguez !...

— E eu ? Cinco...

— A Judith teve nove, hein ? !...

— Uma pergunta só me atrapalhou e tive oito !..

— Sim, tiveste oito, mas não merecias, porque eu só apanhei sete...

E a que tivera a média cinco, consolando-se:

— Isso de nota não adianta. Eu quero vêr o exame...

A mais alta de todas:

— E' isso mesmo. No exame é que eu vou vêr a "prosa" de muita gente...

■

— Como o anno lhe correu ?

— Bem, obrigado...

— Como vae entrar nos exames ?

— Confiante...

— Vencerá ?

— Se Deus quizer...

— E nas férias... quaes os seus projectos ?

— Depende dos exames...

— Por que ?

Ella revirando os olhos:

— Porque a politica lá de casa é inflexivel...

Explicando melhor:

— Se eu fizer boas provas meu pae me dará tudo...

— E no caso contrario ?

Ella, baixando os olhos:

— Nada !...

■

O Sr. Olegario Chagas, secretario da Escola, que nos cumulara de gentilezas, amavelmente, se despedia de nós á porta do edificio. Uma dezena de alumnas sahia, tambem. Uma dellas, olhando a casa velha disse, com enfado:

— Estou doida que fique prompto o predio novo !..

Ella desappareceu com as outras. E nós partimos, mas do nosso pensamento não desappareceu a injustiça dessa phrase amarga, dita para a casa que envelheceu, abrigando gerações e gerações que dentro de suas paredes receberam as luzes com que venceram na vida as trevas mais densas dessa estrada sem fim, cheia de accidentes e imprevistos, que a gente chama de Futuro sem saber porque...

BARROS VIDAL

Uma enquete Literaria

(Conclusão)

— "Quem é bom já nasce feito. Quem me fez escriptor, foi meu pae. Eu não tenho culpa desse crime. Escrevo para ganhar dinheiro. Escrever para ganhar dinheiro é péor do que carregar pedra. Mas, não vale a pena mostrar ao publico os sarrafos, os borrões do nosso palco mental. Haveria um triste desencanto. Por dentro, o cerebro de um escriptor é igualsinho ao palco de um theatro. Francamente a literatura não dá para pagar a venda no fim do mez. E' lamentavel a situação do escriptor nacional em face da do estrangeiro. O governo que proteja as industrias da seda, dos tecidos de algodão, das louças, com tarifas alfandegarias altas, bem poderia defender a intelligencia nacional com um imposto prohibitivo sobre os livros estrangeiros. A sorte da literatura nacional depende dos impostos aduaneiros. Um kilo de Renan 500$000, meio kilo de Anatole France 320$000. E assim por deante. Si o governo fizesse isso estavamos garantidos. O Anatole France nacional é tão bom ou melhor do que o estrangeiro..."

IV — Entre os seus livros, quaes os que prefere? Por que?

— "Até agora só publiquei um livro, "Azas e Patas". Não sei se é bom ou máu. Brevemente vão sahir mais dois, "Cartaz de Circo" e "Motor de Explosão".

V — Como trabalha ordinariamente? De dia? de noite? Que papel, que tinta prefere? Satisfaz-lhe a pimeira elaboração do trabalho?

— "Escrevo ou dicto a qualquer hora. Gosto muito de dictar. Fumo o meu cigarro e fico pendulando pela sala emquanto a machina de escrever bate as minhas palavras. Papel qualquer, serve. Prefiro o almaço largo e pautado. Não remendo o que escrevo para não jogar na cesta de papeis. Tinta, preta".

J. A. BAPTISTA JUNIOR.

MORRER...

"Morrer é só fechar os olhos...
Dizem os poetas...
Quanta gente que mórre nesta vida
De olhos arregalados, bem abertos
Que inda é preciso alguem para os féchar...
Portanto, não é só féchar os olhos
Morrer;
Morrer, é muito mais, poetas!
E' a gente se esquecer da Vida
No meio do Caminho;
E' ir levado sem que a gente queira
Para o Mundo infinito do "Aqui Jaz"!

NICOLAU NAHAR

(Florianopolis, 1928)

Clinica Medica de Para Todos...

CONTRA AS DEPRESSÕES CIRCULATORIAS DO SANGUE

Num grande estudo que mereceu de P. L. MARIE desenvolvida critica, inserta na *Presse Medicale*, o DR. R. KLOTZ affirma, com uma cerrada e abundante documentação, que o systema circulatorio está subordinado a dois agentes motores.

O primeiro desses agentes, situado no pondo onde nascem os grandes vasos, é o coração, o orgão delicado que, no trabalho circulatorio, desempenha missão de maxima relevancia. E o outro de taes agentes motores, collocado exactamente na extremidade opposta e realizando apenas uma tarefa secundaria, é a rede capillar, principalmente naquelle trecho particularissimo subordinado á influencia do nervo splanchico.

Qualquer uma grave irregularidade funccional, occorrida num desses agentes motores, póde originar intensas perturbações nos amplos dominios do systema circulatorio.

Semelhantes perturbações devem ser combatidas com o emprego dos cardiotonicos, si forem determinadas por factores cardiacos.

Quando, porém, o phenomeno morbido corre por conta da rede capillar, o extracto hypophysario, na opinião de KLOTZ, será o mais activo medicamento a empregar.

O extracto hypophysario, isto é o producto que se obtem com os lóbos posterior e médio de tal glandula, estimula as contracções dos vasos sanguineos, especialmente daquelles inervados pelo splanchico, ainda apresentando, no dizer de KLOTZ, o ensejo de obter esplendidos triumphos, combatendo gravissimas depressões circulatorias, intimamente ligadas a varios syndromes peritonaes e a perigosas hemorrhagias que os descollamentos placentarios e as rupturas da gravidez não muito raramente podem occasionar.

Nas asthenias congenitas, com hypotensão arterial, o extracto hypophysario tem obtido algum exito. E, em diversos casos de entero-paralysia, sobrevindos em consequencia de peritonites generalisadas, invariavelmente elle age com benefica celeridade, movimentando a contento as fibras lisas dos musculos intestinaes.

CONSULTORIO

M. J. C. Rio) — Use: bi-iodureto de hydrargyrio 10 centigrammas, extracto fluido de caroba 5 grammas, tintura de cabeça de negro 6 grammas, iodureto de stroncio 6 grammas, xarope de salsaparrilhas 150 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 200 grammas, — uma colher (das de sopa) pela manhã e outra á noite.

R. F. P. (S. Paulo) — E' imprescindivel consultar pessoalmente um medico. Só a auscultação demorada poderá conduzir a um juizo seguro, sobre o funccionamento do coração. Batimentos accelerados, na ausencia de outras informações, nada significam, para o diagnostico.

MOTTA (Valença) — Use em massagens: precipitado branco 1 gramma, oxydo de zinco 3 grammas, glycerina borica 15 grammas, lanolina 15 grammas.

CARLINDA (Magé) — Não siga o conselho da amiguinha. Empregue como dentrificio: essencia de cravo da India 2 gottas, essencia de mentho 10 gottas, lyrio florentino 2 grammas, canella em pó 10 grammas, quina em pó 20 grammas.

ALCINA (Entre-Rios) — Não fique tão apprehensiva. Ha apenas um pouco de nervosismo. Use: tintura e herea de valeriana 2 grammas, bromureto de stroncio 2 grammas, extracto fluido de mulungú 10 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas, — 3 colheres por dia. Depois de cada refeição, tome 2 confeitos de "Ibogaine Nyrdahl".

V. P. (Lavras) — Adopte uma alimentação rica em principios phosphorados: — gemmas de ovos, ostras, miólos, ovas de peixe etc. Depois de cada refeição principal, tome o " "Histogenol Granulado Naline". Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com o "Nucleatol Robin".

T. M. (Rio) — Applique em uncções: bromo colla 5 grammas, lanolina 40 grammas.

DR. DURVAL DE BRITO

NORMALISTAS

DE

SÃO PAULO

Instantaneos da missa de fim de anno e um da hora do café

Officinas Graphicas d'O MALHO